

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
**ANÁLISE DO CONCEITO DE LIBERDADE NO FILME
A LIBERDADE É AZUL, DE KRZYSTOF KIESLOWSKI,
A PARTIR DA FILOSOFIA AGOSTINIANA**

d.o.i. 10.13115/2236-1499v2n19p338

Walterson José Vargas (UFBA)¹

Resumo: Analisa-se neste artigo o tema da liberdade no filme *A liberdade é azul*, de Krzysztof Kieslowski, a partir do enfoque agostiniano do conceito de liberdade. Utiliza-se como marco teórico para a análise a leitura que Hannah Arendt faz da liberdade da vontade, partindo da natural duplicação da vontade em querer/não querer, o que se constitui em verdadeira tensão, só superável por um enfoque da vontade em sua relação com as outras faculdades da alma (memória e vontade) e com as categorias próprias da temporalidade (passado, presente e futuro). Aliada a estas duas chaves de leitura, utiliza-se o enfoque agostiniano da *ordem do amor*, para chegar a entender que a vontade só se redime de sua natural duplicação quando se lança em ações práticas orientadas corretamente pelo amor e para o amor.

Palavras-chave: vontade, amor, adesão, afastamento, perda, memória, processo.

Abstract: This article analyzes the theme of freedom in Krzysztof Kieslowski's film *La libertad é azul*, based on the Augustinian approach to the concept of freedom. Hannah Arendt's reading of the freedom of the will is used as a theoretical framework for the analysis, starting from the natural doubling of the will to will / not to want, which constitutes a true tension, only surpassable by a focus of the will in its relation with

¹ Pós-doutorando em Filosofia na UFBA (Universidade Federal da Bahia), doutor em Filosofia pela USP (Universidade de São Paulo) e mestre em Teologia Sistemática pela PUC-Chile (Pontificia Universidad Católica de Chile).

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
the other faculties of the soul (memory and will) and with the categories of temporality (past, present and future). Allied to these two keys of reading, the Augustinian approach of the order of love is used, to come to understand that the will only redeems itself from its natural duplication when it launches into practical actions oriented correctly by love and for love.

Keywords: will, love, adhesion, remoteness, loss, memory, process.

INTRODUÇÃO

Convidado pelos alunos do PET-Filosofia da UFBA para motivar uma sessão de cinema em que se refletisse sobre o pensamento agostiniano, hesitei entre várias possibilidades de filmes e de temáticas. O pensamento agostiniano, com efeito, de horizontes tão amplos e tonalidade profundamente existencialista e humanitária, oferece ampla gama de possibilidades de enfoque. Escolhi, por fim, o filme *A Liberdade é Azul*, do cineasta polonês Krzysztof Kieslowski, falecido em 1996, com apenas 55 anos de idade. O filme é o primeiro da renomada *Trilogia das Cores*, que conta também com *A Igualdade é Branca* e *A Fraternidade é Vermelha*. A trilogia foi composta pelo diretor em homenagem aos 200 anos da Revolução Francesa, e por isso mesmo, está baseada nas cores da bandeira da França e nos três ideais que compõem o lema da Revolução. Além disso, lançado em 1993, ano em que entrou em vigor o *Tratado de Maastricht*, unificando os países

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas europeus na chamada Comunidade Europeia, o filme é ao mesmo tempo um reflexo deste acontecimento e uma reflexão sobre ele. No DVD que foi lançado no Brasil pela *Versátil*, aparece o seguinte esclarecimento do próprio Kieslowski:

o projeto do filme surgiu no quadro de uma Europa que queria romper com as fronteiras nacionais. O Leste ruía. Todo o mundo estava em processo de transformação. O comunismo desfalecia assim como o Muro de Berlim. Neste quadro, não interessava mais discutir a liberdade dos países. Quis tratar o assunto num plano bem íntimo: o que a liberdade representa para vocês, para mim. A liberdade é um mito. Vivemos clamando por ela, mas raramente estamos dispostos a exercê-la. Estamos sempre dispostos a tolher nossa liberdade e criar dependência, seja em nome de ideologia, religião ou amor.²

O filme, que na primeira versão tinha 2 horas e 20 vinte minutos de duração, chegou, depois de sucessivas montagens, ao formato final pretendido por Kieslowski de 98 minutos, o mesmo dos outros dois filmes da trilogia. O roteiro é assinado pelo próprio Kieslowski ao lado de Krzysztof Piesiewicz, mas nos créditos finais há também uma menção à colaboração de Agnieszka Holland, Edward Zebrowski e Slawomir Idziak. A belíssima fotografia de Slavomir Idziak carrega nos

² Cf. <http://50anosdefilmes.com.br/2013/a-liberdade-e-azul-trois-couleurs-bleu/>

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas tons azulados e capricha nas composições, dando um toque de fina sensibilidade ao filme. Mas, de beleza ainda mais extraordinária e papel fundamental no desenrolar da própria trama do filme é a música de Zbigniew Preisner, colaborador de Kieslowski em quase todos os seus filmes. A trilha é executada pela Orquestra Sinfônica de Varsóvia, dirigida por Wojciech Michniewski, e pelo coral Silesia Philharmonic, que canta em grego o famoso hino sobre o amor, da primeira carta de Paulo aos Coríntios (capítulo 13). Não só a música, mas também a sua letra, tem papel importante no desenrolar da estória do filme. A edição inglesa do disco da trilha³ traz a letra, em inglês e em francês.

A versão brasileira traduziu o original francês *Trois Couleurs: Bleu* por *A liberdade é azul*⁴, já relacionando o valor da revolução francesa a uma cor da bandeira da França à qual está associado, como faria com os outros dois filmes da Trilogia. O DVD do filme foi lançado no Brasil duas vezes, em edições bem diferentes: a primeira, em 1999, traz o filme em tela cheia (4:3, com laterais cortadas), som regular (Dolby Digital 2.0) e uma curta entrevista de quatro minutos, feita com

³ *Song for the Unification of Europe – Julie’s version – Trois Couleurs: Bleu – OST*. As trilhas dos filmes da Trilogia das Cores foram lançadas em disco em francês pela Virgin, em associação com a MK2.

⁴ Vale lembrar que a palavra “*blue*”, em inglês, significa tanto “*azul*” quanto “*sentimento de tristeza*”, o que é bem significativo para o que diz respeito à trama do filme, como se verá neste artigo. Ver:

<http://www.cinereporter.com.br/criticas/liberdade-e-azul-a/>

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas o diretor polonês; a segunda, relançado em 2006 com formato de imagem correto (wide 1.85:1 anamórfico), som remasterizado (Dolby Digital 2.0) e uma batelada de material extra, incluindo uma análise crítica da professora carioca Andréa França (que escreveu um livro sobre Kieslowski), cenas revisadas pelo próprio diretor, *making of* com cenas de bastidores e entrevistas. Todos os extras somam mais de uma hora e têm legendas em português. O filme também está disponível em uma caixa intitulada *Trilogia das Cores*, que engloba os dois outros filmes da série⁵.

O filme foi aclamado pela crítica, e chegou até a inspirar uma coleção de moda no ano de 2015⁶. Ganhou vários prêmios nos principais festivais de cinema da Europa. Foi indicado a nove *Césars*, o Oscar francês, e levou três prêmios: melhor atriz para Juliette Binoche, melhor montagem para Jacques Witta e melhor som para Jean-Claude Laureux e William Flageollet. No Festival de Veneza, recebeu o Leão de Ouro como melhor filme (empatado com *Short Cuts – Cenas da Vida*, de Robert Altman) e o prêmio de melhor fotografia. Recebeu ainda três indicações ao Globo de Ouro – melhor filme estrangeiro,

⁵ Cf. <http://www.cinereporter.com.br/criticas/liberdade-e-azul-a/>

⁶ Vitorino Campos se inspirou no filme *A Liberdade é Azul* para compor sua coleção de inverno 2015. O estilista baiano apostou na mistura de texturas, em cores como preto, azul, roxo, branco, vermelho e verde limão. Cf. <http://revistaquem.globo.com/Moda/noticia/2014/11/vitorino-campos-se-inspira-em-filme-liberdade-e-azul-para-desfile.html>

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas melhor atriz para Binoche, melhor trilha sonora –, mas não ganhou nenhum dos três.

Para a nossa análise do filme, a partir de elementos da filosofia agostiniana da liberdade, seguiremos a seguinte sequência: primeiro, procuraremos justificar a escolha deste tema como sendo central ao pensamento agostiniano, e que ao mesmo tempo permite acesso à totalidade de seu pensamento; a seguir, apresentaremos o marco teórico a partir do qual analisaremos o filme; depois contextualizaremos a temática em experiências e interpretações do próprio Agostinho, para, então, finalmente, fazer uma leitura do tema da liberdade no próprio filme, a partir de todos os elementos que antes foram trabalhados.

1. Seria o conceito de liberdade da vontade o mais apropriado para entender a filosofia de Agostinho? Seria o conceito mais catalisador?

Não parece fora de propósito perguntar, antes de tudo, se o tema da liberdade⁷ é o mais apropriado para dar acesso ao pensamento de

⁷ A bibliografia agostiniana sobre a liberdade é vastíssima. Citamos como obras importantes: THONNARD, F. J. La notion de liberté en philosophie augustinienne, in: *Revue des Études Augustiniennes* 16 (1970), pp. 243-270; BALL, J. Les développements de la doctrine de la liberté chez Saint Augustin, in: *Année Théologique* 7 (1946), pp. 400-430; GALINDO RODRIGO, J. A. La concepción agustiniana de la libertad: su complejidad y sus paradojas, in: *Pensamiento Agustiniano*, vol. III, Jornadas Internacionales de Agustinología, maio
Revista Diálogos - N.º 19 – Mar./Abr. – 2018 343

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas Agostinho, se é este um conceito que, ocupando um lugar central em seu pensamento, pode ir como que abrindo os nós que compõem o que se constitui uma espécie de novelo do conjunto de sua obra. Não seria mais adequada para isso a questão do mal e, vinculado a ela, o tema do pecado original, conceito que recebeu em Agostinho a sua forma mais acabada? Não seria, ao contrário, o tema que lhe é oposto, o da restauração do homem pela obra da graça, tão fundamental em Agostinho, especialmente em suas obras mais tardias, que lhe valeria o conhecido título de “doutor da graça”? Não seria talvez o tema da ordem, que recebeu tratamento especial em obra que traz esse mesmo título, mas que sem dúvida perpassa toda a obra agostiniana, sendo uma das bases de sua metafísica? Não seria o tema do tempo, e relacionado a ele, o da eternidade e da imutabilidade, que recebeu de Agostinho belíssimas reflexões, especialmente em suas *Confissões*? Não poderia ser ainda um dos dois temas que o próprio Agostinho indica nos

de 1988. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, pp. 61-81. Para o entendimento da liberdade no contexto da vontade, onde está situada, ver DEN BOK, N. W. Freedom of the Will. A systematic and biographical sounding of Augustine’s Thoughts on human willing, in: *Augustiniana* 44 (1994), pp. 237-270; STUMP, E. Augustine on free will, in: *The Cambridge Companion to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 124-147; SONTAG, F. Augustine’s metaphysics and free will, in: *The Harvard Theological Review* 60 (1967), pp. 297-306. Comparação com a visão aristotélica de liberdade, em: CHAPPELL, T. D. J. *Aristotele and Augustine on freedom: two theories of freedom, voluntary action and akrasia*. New York: St. Martin’s Press, 1995.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas Solilóquios como sendo os únicos que de fato importam ao homem conhecer, Deus e a alma? O primeiro, ao qual dedicou especificamente uma de suas obras mais importantes, o *A Trindade*, e é como que uma luz que ilumina todas as outras realidades a partir de sua fonte? Ou o segundo, sobre o qual dedicou sua atenção em algumas obras⁸ e que desempenha papel tão importante na sua compreensão do homem? Não seria talvez o tema da verdade, tema fundamental do *Contra Acadêmicos* e que se constituiu na busca fundamental da vida de Agostinho, como que a bússola norteadora de seu peregrinar? Ou ainda, não seria o tema da busca da felicidade que, vinculado ao tema da verdade, se constitui no seu fim, em cuja posse o homem encontra o descanso para o seu inquieto caminhar e que foi também objeto específico de uma das primeiras obras agostinianas, o *A vida feliz*?

Haveria, por acaso, um elemento comum que perpassando todos estes temas fosse como que o seu substrato? Parece-nos, de fato, que o elemento que permite relacionar todos estes temas, sendo ao mesmo tempo fundamental para a sua compreensão, é o conceito de vontade. Com efeito, é a vontade que em Deus mesmo se constitui em pessoa, como Amor que une o amante (o Pai) e o amado (o Filho), e não é outra coisa, portanto, que a graça, a própria vida de Deus comunicada ao

⁸ *A alma e sua origem* (De anima et eius origine), *As duas almas do homem* (De Duabus Animabus), *A potencialidade da alma* (De Quantitate Animae), *A imortalidade da alma* (De Immortalitate Animae).

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas homem. É ela que no homem criado, em sua alma, juntamente com a memória e a inteligência, expressa o seu ser imagem e semelhança de Deus. É somente ela, no entanto, que entre estas três faculdades, possui a autonomia que a torna capaz de opor resistência à ação de Deus, dando origem ao mal. É ela, ao mesmo tempo, que sendo a faculdade do futuro, motiva a inteligência a pôr atenção nas realidades, de forma a torná-las presentes na ação humana, e, uma vez tornadas realidade, é ela que motiva a inteligência a buscá-las na memória como recordação. É ela que, dentro das tríades agostinianas, ocupa o papel de responsável pela manutenção da ordem na criação, levando cada ser a ocupar o seu lugar próprio nesta ordem, de acordo com o peso que lhe é próprio. É ela que, ocupando este papel, pode fazer com que cada ser se estabilize em seu próprio lugar, e assim se aquiete e descanse, experimentando a vida feliz. Mas, mais uma vez, é somente ela que, por sua autonomia, pode pôr fim a esta ordem e harmonia pacífica, gerando a desordem e a queda.

E, no entanto, ainda que reconhecido como um dos temas fundamentais de Agostinho há bastante controvérsia quanto à importância da sua reflexão sobre o conceito da vontade no conjunto da história da filosofia. Isabelle Kock, por exemplo, desconfia que talvez a tão difundida invenção do conceito de vontade por Agostinho não seja mais que expressão de um uso exacerbado de uma palavra, já que o latim dispunha somente desta palavra para traduzir uma série de outras

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas palavras gregas: *orexis* (desejo), *boulesis* (mais desejável), *proairesis* (escolha), *horme* (tendência), etc. A vontade seria em Agostinho, assim, citando a René-Antoine Gauthier, apenas um “movimento da alma inteira cujo conceito permanece com contornos muito vagos”⁹ e que não seria fundamentalmente diferente do desejo ou da tendência dos quais falavam Platão, Aristóteles ou os estoicos. Agostinho não teria dado um passo decisivo na descoberta e evolução deste conceito. O que se encontraria em sua obra seria apenas o uso de conceitos antigos de uma forma realmente nova e, mais precisamente, seria somente na retomada de um lugar-comum das éticas antigas, aquele segundo o qual a ação humana tem sempre como fim a felicidade, que Agostinho teria tratado fundamentalmente o tema da vontade. Ou seja, ele teria subordinado completamente a perspectiva psicológica à ética, e em vez de analisar a vontade em sua própria estrutura, a teria visto apenas em relação ao seu fim, a busca da felicidade. Seria somente neste sentido que ele teria se distanciado do intelectualismo moral dos antigos, que concediam à razão papel preponderante na busca de acesso à felicidade.

Para Agostinho, segundo Kock, a vontade é uma “força intencional pela qual a alma produz um esforço em vista de uma satisfação”¹⁰, de maneira que o essencial a ela é a busca de aquisição de

⁹ KOCH, Isabelle. O conceito de “voluntas” em Agostinho, in: *Discurso* 40 (2010), p. 73.

¹⁰ *Ibid.*, p. 80.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas um objeto que possa preencher o seu desejo de fruição sem perigo de perda, o que significaria o seu estado de satisfação, de repouso. Mais que qualquer elemento estrutural da vontade, tais como a sua capacidade de duplicação entre querer e não querer (*velle e nolle*) ou a sua capacidade de escolha entre diferentes alternativas (o que pertence essencialmente à definição do livre-arbítrio), o que a definiria essencialmente seria a relação do seu querer com um fim determinado, o fim universal da busca da felicidade. A vontade em si mesma, em sua própria essência, para Agostinho, se definiria assim por seu fim e não por sua estrutura: a “vontade de felicidade é fundamental e estrutura o conjunto de nossas volições, pois é em vista desse fim último que é a vida feliz que fazemos tudo o que fazemos, a tal ponto, que ela constitui a ‘vontade humana nela mesma’: cada uma de nossas volições particulares determina-se em relação a um fim particular, mas ‘a vontade humana nela mesma não tem outro fim senão a felicidade’ (*A Trindade* XI, 10)”¹¹. Isso se comprovaria ainda pelo fato de que este elemento, a busca de felicidade, seria o único que permaneceria em todos os estados em que a vontade humana é exercida: antes da queda (na condição original), após a queda e antes da redenção (a humanidade decaída), depois da redenção, mas ainda não plenamente experimentada (após a acolhida da graça, ainda neste mundo), na sua plena realização na eternidade (na bem-aventurança eterna). Nenhum elemento formal

¹¹ *Ibid.*, p. 82.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas que caracterize a vontade em sua estrutura permanece inalterado em todos estes estados da humanidade; o estado do livre-arbítrio da vontade, por exemplo, embora usado comumente como elemento determinante de sua definição, não permanece o mesmo nestes quatro estados: o livre-arbítrio, tal como Adão o possuía antes do pecado original, era um “poder não pecar”; aquele que os bem-aventurados possuirão após a ressurreição será um “não poder pecar”, um arbítrio completamente liberado da possibilidade de pecar. Entre os dois, nosso livre-arbítrio, posterior à queda e anterior ao juízo final, poderia ser definido antes como um servo-arbítrio, como um “não poder não pecar”¹².

Se seguíssemos o enfoque de Isabelle Kock, portanto, seria mais adequado tomar como tema que, respeitando a localização da liberdade no âmbito da vontade, possibilitaria sua melhor compreensão no pensamento agostiniano, o da busca da felicidade. Mas, há importantes enfoques que nos apontam outros caminhos. Hannah Arendt, por exemplo, pensa de forma bem diferente. Seguindo a Albrecht Dihle¹³, e embora concordando que a influência prática do espírito romano – que se expressa, por exemplo, na busca da felicidade como ponto de partida e fim da filosofia – seja talvez mais determinante no pensamento

¹² Cf. *Ibid.*, pp. 73-74; 78-86; 92-93.

¹³ Cf. DIHLE, A. *The theory of will in Classical Antiquity*. California: University of California Press, 1982, 268 p.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas agostiniano do que a onipresente influência grega, especialmente neoplatônica, Arendt defende que a contribuição agostiniana à evolução do conceito de vontade seja determinante; ele seria na verdade o seu fundador. O mundo grego, com efeito, não conheceu este conceito, e o próprio fato de que inexista na língua grega uma palavra que possa expressar o estado espiritual da alma em situações em que se vê obrigada a escolher e a colocar-se em ação, é uma confirmação dessa lacuna existencial. Quem por primeira vez teria chegado a algo aproximado ao conceito de vontade teria sido Aristóteles, que com o conceito de “*proairesis*” inventa uma faculdade intermediária entre a razão e o desejo, responsável por estabelecer tanto quanto possível a harmonia entre as duas realidades naturalmente discordantes: “a *proairesis* é a saída para a contradição. Se a razão e o desejo permanecessem, sem uma mediação, em seu antagonismo natural e bruto, teríamos de concluir que o homem, assediado pelos impulsos conflitantes de ambas as faculdades, ‘obriga-se a afastar-se de seu desejo’ quando permanece moderado; e ‘obriga-se a afastar-se de sua razão’ quando o desejo o domina”¹⁴. A *proairesis* aristotélica, segundo Arendt, também se exerceria, como observara Kock, tendo em vista um fim, que é a felicidade (*eudaimonia*), que todos os homens desejam e sobre o qual não se exerce deliberação, de maneira que a força da

¹⁴ ARENDT, Hannah. O querer (a Vontade), in: *A vida do espírito*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2.000, p. 231.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas proairesis recairia sobre a escolha dos meios que pudessem levar de maneira mais adequada àquele fim: “o elemento de razão na escolha é chamado ‘deliberação’, e nunca deliberamos a respeito de fins, mas somente sobre os meios de obtê-los. ‘Ninguém escolhe ser feliz; escolhe, sim, ganhar dinheiro ou correr riscos com o propósito de ser feliz’”¹⁵. Aristóteles, com o conceito de *proairesis* já teria chegado, portanto, ao conceito equivalente que em latim chamamos de *liberum arbitrium*, uma faculdade intermediária entre a razão e a vontade, que supõe de um lado a atividade da razão, atividade consciente e de juízo, mas que supõe por outro lado uma atividade de decisão, onde intervém a liberdade da vontade.

Mas, a liberdade da vontade é algo bem mais amplo e mais profundo que a sua capacidade de livre-arbítrio, é como que o seu substrato ontológico que o sustenta, é a sua condição de possibilidade. Assim é a liberdade da vontade em Agostinho: muito mais que a possibilidade de escolher entre meios diferentes os que levem de melhor forma ao fim desejado, ela consiste na capacidade de duplicação entre querer e não querer (*velle e nolle*) que lhe é essencial. Foi essa divisão interior à própria vontade que Agostinho experimentou de maneira dilacerante nos momentos que antecederam à sua conversão: na verdade ele queria entregar-se à verdade que já conhecera há muitos anos, e assim possuía-la, mais que apenas conhecê-la, mas não tinha uma

¹⁵ *Ibid.*, 231.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
vontade íntegra, forte, em parte queria e em parte não queria. Tal divisão é constitutiva da vontade, de maneira que para que haja vontade é necessário que exista ao mesmo tempo uma contra-partida, uma espécie de contra-vontade; a vontade se constitui na administração deste conflito, e a deliberação sobre meios é subsequente a esta divisão:

é da natureza da vontade duplicar-se, e, neste sentido, onde quer que haja uma vontade, há sempre ‘duas vontades, nenhuma das quais é plena [*tota*], e o que falta a uma está presente na outra’. [...] Pois encontramos o mesmo conflito de vontades onde nenhuma escolha entre o bem e o mal está em jogo, onde ambas as vontades devem ser ditas más ou ambas boas. Sempre que um homem tenta chegar a uma decisão, ‘encontra-se um espírito oscilando entre muitas vontades’¹⁶

Trabalhada sempre em conjunção com a razão na administração dos conflitos advindos das paixões que assediam a alma, a vontade ficou restrita na história da filosofia ao livre-arbítrio, fato que foi acertadamente diagnosticado por Bergson, como bem observa Hannah Arendt¹⁷. Mas, o livre arbítrio não é uma faculdade autônoma, nem com relação à razão, nem com relação à vontade, e por isso mesmo, a vontade, restrita ao exercício do livre-arbítrio, não era abordada como faculdade autônoma: “toda vez que nos deparamos nas discussões

¹⁶ *Ibid.*, 256.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 210.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas medievais sobre a vontade não estamos lidando com o poder espontâneo de começar algo novo e nem com uma faculdade autônoma, determinada por sua própria natureza e obediente às suas próprias leis”¹⁸. E, no entanto, a vontade só poderá ser descoberta como faculdade autônoma por meio de sua comparação com a razão e com as emoções vindas dos desejos, e precisamente pelo fato de que nem uma, nem outra, possui liberdade: a prova da liberdade da vontade “retira sua plausibilidade de uma comparação da vontade com a razão, por um lado, e com os desejos, por outro; e não é possível, para nenhum dos dois, dizer-se livre”¹⁹. A liberdade é, desta forma, como bem nota Arendt, a pedra de toque que está por trás da grande desconfiança que também a modernidade terá com o conceito de vontade, já que a vontade praticamente se identifica com a liberdade, enquanto que o pensamento, mesmo que a supondo, não está tão estreitamente ligado a ela: “o que despertou a desconfiança dos filósofos [com o conceito de vontade] foi precisamente a conexão inevitável com a liberdade – repetindo, a noção de uma vontade não-livre é uma contradição em termos”²⁰, ou como disse de forma lapidar Descartes: “vontade e

¹⁸ *Ibid.*, 232.

¹⁹ *Ibid.*, 220.

²⁰ *Ibid.*, p. 206.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas liberdade são uma só”²¹. Essa desconfiança se deve a que a liberdade se apresenta como algo absolutamente incontrolável, de modo algum plenamente dominada pela razão.

O surgimento da vontade como faculdade autônoma só teria sido possível, portanto, segundo Arendt, quando a sua liberdade fosse realmente colocada em questão, e isso acontece somente em Agostinho, quando, experimentando a divisão interior da vontade como algo que lhe é constitutivo essencial, se coloca em questão a identificação do seu querer e poder. Agostinho experimenta que quer fazer algo (entregar-se a Deus, para possuí-lo e não apenas conhecê-lo), mas percebe-se incapaz de poder fazer o que quer, o que o faz recordar do versículo tantas vezes citado por ele: “não faço o bem que quero, e faço o mal que não quero” (Rm 7,22-23)²². Kant, e antes dele o próprio Aristóteles, diz Arendt, acreditavam na possibilidade de identificação do querer e poder no interior da vontade humana, mas não Agostinho, para quem a liberdade da vontade se constitui em verdadeiro problema, quiçás o mais crucial de todo o seu pensamento: “a liberdade da vontade torna-se um problema, e a vontade como faculdade autônoma é descoberta

²¹ Citado por ARENDT, H. *Ibid*, p. 206.

²² Sobre a exegese deste importante texto em Agostinho, ver VAN FLETEREN, F. Augustine’s evolving exegesis of Romans 7:22-23 in its Pauline context, in: *Augustinian Studies* 32:1 (2001), pp. 89-114; BERROUARD, M. F. Exégèse augustinienne de Rom 7,7-25, in: *Recherches Augustiniennes* 16 (1981), pp. 131-145.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas somente quando os homens começam a duvidar da coincidência entre o ‘tu deves’ e o ‘eu posso’, quando surge a questão: *as coisas que só a mim dizem respeito estão em meu poder?*”²³. De fato, a autonomia da vontade, a sua capacidade de posicionar-se livremente não somente em relação a alternativas de escolha que estão fora de si, mas também em relação a si mesma, e ao mesmo tempo a sua divisão interior que muitas vezes dificulta tanto o seu passar à ação, tudo isso é algo que desconcerta qualquer estudioso: “é precisamente a liberdade ‘sem lei’ de que a vontade parece gozar que fez com que até mesmo Kant falasse ocasionalmente de liberdade como mais que ‘uma simples entidade do pensamento, um fantasma do cérebro’”²⁴. E, no entanto, o próprio Kant, segundo Arendt, se tivesse se aprofundado mais na concepção agostiniana de vontade teria se dado conta do quanto ela está vinculada ao conceito de temporalidade, de existência no tempo a partir de um começo, do ser criatura feita a partir do nada, e teria percebido quão embaraçoso e dificilmente explicável pela razão é a atividade livre da vontade, que pode dar início espontaneamente a uma ação, sem que haja uma causa que lhe preceda: “se Kant tivesse conhecido a filosofia da natalidade de Santo Agostinho provavelmente teria concordado que a

²³ ARENDT, H. *Op. cit.*, 233; as várias acentuações em itálico nos textos citados são nossas, e tem em vista acentuar ideias que nos parecem importantes.

²⁴ *Ibid.*, 206.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas liberdade da espontaneidade *relativamente* absoluta não é mais embaraçosa para a razão humana do que o fato de os homens nascerem – continuamente recém-chegados a um mundo que os precede no tempo. A liberdade da espontaneidade é parte inseparável da condição humana. Seu órgão espiritual é a vontade”²⁵.

É, com efeito, segundo Hannah Arendt, somente em sua relação com a temporalidade e em sua relação com as outras faculdades da alma, memória e inteligência, que a vontade pode ser corretamente entendida em Agostinho. É com essas duas chaves interpretativas oferecidas por Arendt, aliada a uma terceira chave – a da odem do amor – oferecida diretamente pelo próprio Agostinho, que leremos o filme “*A liberdade é azul*”, como veremos no ponto a seguir. Basta por agora, com a argumentação anteriormente apresentada, convencermo-nos de que o tema da liberdade da vontade é fundamental no pensamento agostiniano, e nos oferece ao mesmo tempo uma porta de entrada ao conjunto de seu pensamento. Não nos parece que, contrariamente ao que pensa Kock, Agostinho tenha se limitado, no tratamento do tema da vontade, ao enfoque moral, determinando a sua essência pelo fim a que ela aspira, a busca da felicidade. Parece-nos, ao contrário, que Agostinho analisa a vontade em si mesma, em sua própria estrutura, e em vínculo com os principais conceitos de sua metafísica: a ordem criada, a estrutura da alma e a existência temporal. O enfoque

²⁵ *Ibid.*, 267.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas agostiniano é ontológico e não apenas moral. Fique assentado que trabalharemos com o conceito de liberdade entendido como a capacidade da vontade de pôr a alma em ação chegando a escolhas sem nenhuma coação, a partir da motivação que lhe vem dos seus desejos interiores, mas também, ao mesmo tempo, da sua capacidade de duplicação interna entre querer e não querer, tal como defendido por Arent. Essa definição de vontade corresponde, segundo Sciuto, à que Agostinho chegou num segundo momento de seu pensamento, ao qual pertence, por exemplo, a obra *Confissões*. Num primeiro período, o do *O livre-arbítrio*, ele teria se limitado ao conceito de vontade identificada com o exercício do livre-arbítrio, a capacidade de escolher entre alternativas diferentes. Num terceiro período, ao qual pertence a obra *A Trindade*, a vontade seria vista em sua relação com as outras duas faculdades da alma, memória e inteligência, em seu papel específico e determinante de união, com a possibilidade não menos importante de separação e desunião. E finalmente, no quarto período, ao qual correspondem as obras antipelagianas, a vontade seria vista numa perspectiva histórica, em sua relação com a temporalidade, como uma faculdade que deve ser libertada num processo histórico: “a liberdade agora poderá mostrar a sua natureza temporal, em seus desdobramentos entre um princípio, um desenvolvimento dramático e um fim

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas possível*²⁶. Assim, embora não analisando o conceito de vontade no transcórre da evolução do pensamento agostiniano, a leitura de Arendt coincide com a de Sciuto e nos oferece base sólida como marco teórico para a leitura do filme “*A liberdade é azul*”.

2. Marco teórico para a leitura da liberdade da vontade no filme *A liberdade é azul*

Acabamos de indicar que o marco teórico a partir do qual leremos o tema da liberdade no filme *A liberdade é azul*, divide-se em três pontos interdependentes: a liberdade da vontade entendida em relação às outras faculdades da alma (memória e inteligência); em relação ao tempo, em seus três momentos (passado, presente e futuro); e, finalmente, dentro do contexto da *ordo amoris*. Deve ficar claro que, como bem observa Hannah Arendt, o objetivo da compreensão da liberdade na vontade nestes três âmbitos é a superação daquela divisão interior que a vontade experimentava em si mesma, ou melhor, de si contra si mesma, da contra-vontade que se instaura contra a vontade,

²⁶ SCIUTO, Italo. La volontà del male tra libertà e arbitrio, in: ALICI, Luigi. *Il mistero del male e la libertà possibile: linee di antropologia agostiniana*. Studia Ephemeridis Augustinianum 48. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1995, pp. 111-176; aqui p. 125: “La libertà, allora, potrà mostrare la sua natura temporale, nel suo dispiegarsi tra l’inizio, uno sviluppo drammatico e la fine possibile”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas duplicando-a; duplicação que Agostinho experimentou dramaticamente em si mesmo, tal como expressa nas *Confissões*. Não é por acaso, portanto, que a leitura proposta por Arendt como uma espécie de redenção da vontade corresponda ao que Sciuto apresenta como desdobramentos posteriores da compreensão agostiniana da vontade, ou seja, que pertencem a obras posteriores à elaboração das *Confissões* (onde aparece a noção de vontade dividida, duplicada). Quanto ao elemento que nós acrescentamos como sendo a terceira chave de leitura, ainda que não seja algo específico da produção mais tardia de Agostinho, e que seja por exemplo já o tema fundamental do *Sobre a Ordem* e da primeira parte da produção agostiniana, é fundamental para entender o que se propõe sobretudo nas últimas obras agostinianas sobre a graça, sendo esta apresentada como a condição de possibilidade de redenção da vontade, ou seja, o reordenamento da *ordo amoris* pela ação da graça que “prepara” e auxilia a vontade, devolvendo-lhe a liberdade perdida²⁷.

Assim, o histórico da evolução do conceito de liberdade da vontade em Agostinho se mostrará admiravelmente coincidente com o desenrolar da trama do filme, como veremos mais adiante. Este histórico pode ser assim resumido: mais do que o exercício do livre-arbítrio (a capacidade de escolher entre diferentes alternativas), a

²⁷ Cf. SAGE, A. “Preparantur voluntas a Domino”, in: *Revue des Études Augustiniennes* 10 (1964), pp. 1-20.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vontade se caracteriza por uma capacidade essencial de duplicação do querer em não querer, o que gera um natural estado de tensão que só poderá ser superado por uma compreensão – e mais do que compreensão, pelo exercício – da vontade em relação às outras faculdades da alma e às categorias da temporalidade (passado, presente e futuro; lembrança, atenção e expectativa).

2.1. A liberdade da vontade vista em relação às faculdades da alma, memória e inteligência

Segundo Hannah Arendt, a primeira solução que o próprio Agostinho encontra para pôr fim àquela divisão que é um constitutivo essencial da vontade é trabalhá-la não isolamente, mas em interrelação com as outras duas faculdades da alma. Isso, ele o faz de maneira mais clara na obra *A Trindade*²⁸. Procurando nesta obra as imagens de Deus entendido como Trindade na própria alma, Agostinho analisa primeiramente a atividade das três faculdades na alma – memória, entendimento e vontade – no conhecimento sensível, explicando-o por meio da conjunção de duas séries de tríades: o objeto visto, a visão, a intenção que os une; depois, o objeto rememorado, a sua visão pelo pensamento e a *intenção* pela qual ele aí se aplica. Nestas tríades, a

²⁸ Cf. VARGAS, Walterson José. *Soberba e humildade em santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2014, pp. 116-121.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vontade exerce a *função de união*, que acontece de três formas: ela primeiramente une a forma do objeto percebido ao sentido que a percebe; a seguir, une a forma produzida no sentido à memória, alojando-a aí; e, finalmente, une essa forma da memória ao olhar interior daquele que pensa recordando. Ou, dito de outra forma, temos três claras funções da vontade na percepção sensível: na busca do conhecimento, ela *impulsiona, põe em movimento* o sentido em direção ao objeto a ser percebido; uma vez alcançado esse conhecimento, ela o *une* ao que o gerou; e uma vez gerado, ela o *mantém* através da fruição do conhecimento alcançado. É importante ressaltar, no entanto, que a vontade, por ser autônoma, pode exercer no conhecimento também a função contrária, de *separação*; ela pode mover em direção contrária, pois é livre para escolher manter ou não a atenção no objeto conhecido, e, ao não mantê-lo, pode separar a mente do objeto conhecido²⁹.

Na tríade ‘memória, entendimento, vontade’, cabe à vontade a unidade das potências da alma. A vontade diz à memória o que reter e o que esquecer; diz ao intelecto o que escolher para o entendimento; é ela que os faz trabalhar, que os reúne e separa. [...] A vontade que aproxima estes termos (sentidos, imagem, memória...) e os une é também aquilo que os divide e separa. No caso da percepção, é por meio de um movimento do corpo que ela separa os sentidos daquilo que é percebido, a fim de impedir a

²⁹ Cf. SÉRVULO DA CUNHA, M. P. *O Movimento da alma: a invenção por Agostinho do conceito de Vontade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, pp. 42-51.
Revista Diálogos - N.º 19 – Mar./Abr. – 2018 361

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
percepção ou interrompê-la; no caso do olhar interior do pensamento e da memória, basta que, por meio da vontade, desvie-se o pensamento para algo diverso do que o corpo, para haver ruptura da trindade formada³⁰.

A seguir, Agostinho analisa o conhecimento que a alma tem de si mesma. Este é o conhecimento mais importante para que ela encontre a sua própria identidade de imagem de Deus. Se a alma permanecesse fora de si, aplicada somente ao conhecimento do sensível, perderia a sua identidade, lançaria fora a sua essência mais íntima, a imagem de Deus; mas, voltando-se para o seu interior, ela reforma a sua imagem de Deus pela contemplação da Verdade, deixando-se formar pela “Eternidade, a Verdade e a Caridade”. É, então, no conhecimento de si mesma, na volta ao seu próprio interior, que a alma encontrará a sua verdadeira imagem da Trindade. No conhecimento de si mesma, a vontade na alma *move a mens* – que acredita se desconhecer – a procurar o conhecimento (inteligência) de si mesma, que está de maneira implícita e latente em sua memória, *unindo-o* agora à inteligência de maneira reflexa, tornando-o conhecimento atual³¹. Estas três faculdades da alma estão intrinsecamente vinculadas a uma única substância, a própria alma, e se relacionam mutuamente, em dependência uma da outra: “só posso ter

³⁰ *Ibid.*, pp. 24-25.

³¹ Cf. *ibid.*, pp. 27-28.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vontade daquilo que conheço, pelo menos em parte, e só conheço aquilo que quero conhecer, só posso ter vontade daquilo que me lembro, só posso lembrar do que quero”³². Desta forma, a alma é imagem de Deus tanto na sua Trindade (aquele que ama, o Pai; aquele que é amado, o Filho; e o Amor que os une, o Espírito Santo), como na sua Unidade (as três pessoas em relação formam uma única substância). E a sua vontade, também no conhecimento que ela tem de si mesma, tem por função impulsionar o movimento, unir as outras duas realidades e mantê-las nessa unidade.

É fundamental, portanto, para Agostinho, que a vontade não seja vista isoladamente, de forma solitária, porque o mistério de onde ela procede é uma realidade relacional, e que só assim pode ser entendida. Da mesma forma, a liberdade da vontade, que é o seu constitutivo mais essencial, mais ainda que a sua própria capacidade de duplicação, só pode ser entendida e bem exercida em relação com a memória e o entendimento. Destas duas relações, a que parece mais esquecida na história do pensamento é a da vontade com a memória. Como bem observa Sciuto:

é surpreendente como as sucessivas elaborações do tema da liberdade no âmbito escolástico ignoram completamente esta conexão essencial com o tema da memória. Com efeito, o tema da liberdade será entendido prevalentemente como um problema do livre-arbítrio, completamente resolvido somente na

³² *Ibid.*, p. 101.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
relação entre dois elementos da tríade agostiniana, o intelecto e a vontade. Está esquecida a memória, que para Agostinho é o centro e princípio no qual se congregam intelecto e vontade³³.

De fato, para Agostinho a memória é como que o substrato ontológico que sustenta aquilo que o intelecto pode conhecer e o que a vontade pode desejar e decidir; a memória é para ele muito mais uma faculdade ontológica que apenas psicológica; mais que lembrar-se de coisas e acontecimentos, a memória lembra a alma de si mesma, como existente que perdura no tempo. Assim, para que seja vencida aquela duplicação da vontade em contra-vontade, é fundamental que a alma faça memória de si mesma, e reunida em si pela força do intelecto, possa lançar-se à ação por meio de uma vontade unificada. A sua unificação vem da ajuda que ela recebe da memória e do intelecto.

Ao contrário da relação da vontade com a memória, a sua relação com o intelecto foi muito mais trabalhada e evidenciada na história do pensamento. Já Aristóteles, como vimos, através do conceito de *proairesis*, a capacidade de decidir entre meios em vista de um fim,

³³ SCIUTO. I. *Op. cit.*, p.126: “È sorprendente che le successive elaborazioni del tema della libertà, in ambito scolastico, ignorino completamente questa essenziale connessione col tema della memoria. In effetti, il tema della libertà verrà prevalentemente inteso come problema del libero arbitrio, completamente risolto, perciò, nella relazione tra due soli elementi della triade agostiniana, l’intelletto e la volontà. Viene smarrita la memoria, che per Agostino è centro e principio in cui si raccolgono intelletto e volontà”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas estabelecia uma certa mediação entre razão e vontade. A *proairesis* é uma espécie de faculdade racional do querer, que se estabelece no lugar onde aparece um primeiro apetite irracional (*epithumia*), ou seja, ela faz com que os apetites se submetam à razão. Quando o homem se move de acordo com a *proairesis*, ele se move de acordo com a razão; quando se move de acordo com a *epithumia*, ele se move contra a *proairesis*. A *proairesis* implica, então, um certo domínio do ato: aquele que age segundo o intelecto ou a razão é dito *gkratès*, senhor de si mesmo, em oposição àquele que age de acordo com a *epithumia*, que é chamado de *akratès*, não senhor de si mesmo, escravo de suas paixões. Essa faculdade de deliberação deve se limitar por isso a exercer-se a respeito de coisas que estejam no nosso poder, que sejam possíveis de serem alcançadas, que existam meios para isso e que estes meios estejam ao nosso alcance. Para isso é importante a educação, cujo principal objetivo é o controle de si mesmo. Trata-se, em outras palavras, de reduzir o ato voluntário, *to èkousion*, à escolha, é *proairesis*. Todo o trabalho da educação visa, assim, em realidade, submetendo a vontade à razão, ou mais exatamente, reduzindo todos os atos voluntários à *proairesis*, formar um querer que seja equivalente ao poder, ou seja, um querer racional do possível: o objetivo é que o aluno chegue a querer apenas o que ele pode. O verdadeiro querer não é, portanto, um “eu quero”, mas um “eu posso”, como bem observa Hannah Arendt: “é

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas certo que, no sistema de pensamento pré-cristão, [a vontade] se situava no ‘eu posso’³⁴.

Também os estoicos procuram resolver essa tensão entre querer e poder na vontade pela mediação da razão. Deles vem a definição “a vontade é o desejo de acordo com a razão” (*quae quid cum ratione desiderat*), e daí vem a distinção entre o sábio, que domina seus impulsos através do uso da razão, e o insensato, que se deixa vencer pelos impulsos que, contrários à razão, vêm de uma excitação muito violenta (*incitata é vehementius*) e consiste na *libido* ou luxúria desenfreada (*libido ea vel é effrenata cupiditas*)³⁵. O sábio mantém o domínio sobre a sua vida afetiva respondendo a cada uma das “paixões” (πάθη) ou “perturbações” da alma (assim chamadas por Cícero) com uma “constância” (εὐπαθείας): ao desejo, a vontade; à alegria, o gozo; ao medo, a precaução. À quarta paixão, a tristeza, não seria necessário contrapor-se, já que, como produto de um mal sucedido, ela não seria capaz de atingir a alma do sábio. Já Epiteto, nesta busca de controle racional dos desejos vindos da vontade, chama a atenção para a necessidade de aprender a lidar com as “impressões” deixadas na alma

³⁴ Citado por: JEANMART, Gaëlle. La dramatique de la volonté chez Augustin, in: *Philosophique: Annales Littéraires de l'Université de France-Comté* 8 (2005), p. 6. Disponível em: <http://philosophique.revues.org/100>: “Il est certain que dans le système de la pensée pré-chrétienne, [la volonté] se situait dans le ‘je-peux’”.

³⁵ Cf. *Ibid.*, pp. 6-7.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas pela realidade exterior. O que se busca é a *ataraxia*, a invulnerabilidade, o não deixar-se afetar pelas impressões vindas do exterior. A tarefa da filosofia consiste precisamente em oferecer os instrumentos para ajudar o homem a aprender a lidar com as impressões deixadas nele pela realidade exterior, e assim afastar a dor: “a filosofia significa muito pouco além do seguinte: procurar saber como é viável exercitar a vontade de obter e a vontade de evitar sem obstáculos”³⁶. A primeira grande distinção que a razão deve fazer, e a vontade decidir por querer ou não querer, é entre o que está em seu poder e o que não está: “a primeira decisão da vontade é não querer o que não se pode obter e deixar de não querer o que não se pode evitar – em suma, não se interessar em qualquer coisa que não tenha poder”³⁷. Não basta, portanto, à vontade “deixar de querer” (ser indiferente); ela deve também aprender a querer o que de fato acontece (conformar-se à realidade tal como ela é): “para ‘viver bem’, não é suficiente ‘deixar de pedir para que os eventos aconteçam como se quer’; deve-se ‘deixar a vontade ser tal que os eventos devam acontecer como acontecem’”³⁸. A luta entre querer e poder no interior da vontade é vencida por uma

³⁶ARENDT, H. *Op. cit.*, p. 244.

³⁷*Ibid.*, p. 244.

³⁸*Ibid.*, p. 246.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
onipotência da vontade que obriga o querer a conformar-se com o possível indicado pela realidade exterior.

Bem diferente é a visão de Agostinho. Para ele, a relação entre o exercício da razão e os desejos e paixões que lhe são apresentados pela vontade não se resolve por um controle titânico da razão sobre a vontade, e nem somente por uma disposição voluntária de uma artilharia ascética. Ele reconhece, em primeiro lugar, que aquelas quatro paixões de que falavam os estoicos existem de fato na alma, e as define da seguinte forma: “o amor que aspira a possuir o que ama é desejo [*cupiditas*]; quando o possui e dele goza é alegria; quando foge do que lhe repugna é temor; se a seu pesar o experimenta é tristeza”³⁹. Mas não concorda que estas paixões estejam presentes somente nos néscios; ao contrário, afirma que elas estão presentes em todos os homens e não tem valoração em si mesmas, senão que adquirem o seu valor a partir do fim para o qual estão dirigidas, ou do amor (da vontade) que as orienta:

assim, querem, se precavêm e gozam tanto os bons quanto os maus; ou, dizendo o mesmo por outras palavras, desejam, receiam e se alegram tanto os bons quanto os maus, mas os primeiros, bem, e os últimos mal, conforme têm uma reta ou perversa

³⁹ *De Civitate Dei* XIV,vii,2: “Amor ergo inhians habere quod amatur, cupiditas est, id autem habens eoque fruens laetitia; fugiens quod ei adversatur, timor est, idque si acciderit sentiens tristitia est”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
vontade. A própria tristeza, em substituição da qual os estoicos nada admitem na alma do sábio, também ela é empregada no bom sentido⁴⁰.

Ou seja, também os homens bons e sábios, entre eles os cristãos, experimentam verdadeiramente a tristeza, e não a vencem apenas por uma indiferença diante da dor ou por meio de um controle racional, mas por dar-lhe um sentido, por orientar-lhe em direção a um fim. Assim, a própria “*apathéia*”, entendida pelos estoicos como privação ou domínio dos afetos que vão contra a razão e perturbam a mente, para Agostinho, em vez de se constituir em uma virtude, consiste na atual condição do homem em um vício, uma expressão de “desumanidade no coração e de falta de sensibilidade no corpo”:

se é ao estado de alma sem afeto algum que se chama *ἀπάθεια*, quem não terá esta insensibilidade pelo pior dos vícios?⁴¹; “e se outros, na sua vaidade tanto mais monstruosa quanto mais rara, se tomam de amores pela sua própria impassibilidade ao ponto

⁴⁰ *De Civitate Dei* XIV,viii,3: “Proinde volunt, cavent, gaudent et boni et mali; atque ut eadem aliis verbis enuntiemus, cupiunt, timent, laetantur et boni et mali; sed illi bene, isti male, sicut hominibus seu recta seu perversa voluntas est. Ipsa quoque tristitia, pro qua Stoici nihil in animo sapientis inveniri posse putaverunt, reperitur in bono et maxime apud nostros”.

⁴¹ *De Civitate Dei* XIV,ix,4: “Porro si illa *ἀπάθεια* dicenda est, cum animum contingere omnino non potest ullus affectus, quis hunc stuporem non omnibus vitiis iudicet esse peiorem?”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas

de não se deixarem comover nem excitar nem inclinar pelo menor sentimento, perdem toda a humanidade sem atingirem a verdadeira tranquilidade. Efetivamente, porque se é duro, nem por isso se é correto, nem porque se é insensível, se é por isso sadio⁴².

A verdadeira liberdade da vontade, tanto com relação aos desejos e paixões que vem de si mesma, quanto da sua natural divisão e duplicação em contra-vontade, se adquire, segundo Agostinho, pela efetivação de outro elemento que é próprio da vontade, e só dela, o colocar a alma em ação, e especificamente, orientá-la para o amor: “ao orientar a atenção dos sentidos, controlando as imagens impressas na Memória e fornecendo ao Intelecto o material para a compreensão, a Vontade prepara o terreno no qual a ação se pode dar. [...] A Memória e o Intelecto são contemplativos e, sendo assim, são passivos; é a Vontade que os faz trabalhar e que, ao final, os ‘reúne’”⁴³. Quando, dispondo livremente do material que lhe oferecem a memória e o intelecto, a vontade começa a agir, ela rompe o espaço ainda teórico do querer-não querer (*velle* e o *nolle*), interrompendo o conflito entre eles: “a vontade

⁴² *De Civitate Dei* XIV,ix,6: “Si nonnulli tanto immaniore, quanto rariore vanitate hoc in se ipsis adamaverint, ut nullo prorsus erigantur et excitentur, nullo flectantur atque inclinentur affectu: humanitatem totam potius amittunt, quam veram assequuntur tranquillitatem. Non enim quia durum aliquid, ideo rectum, aut quia stupidum est, ideo sanum”.

⁴³ ARENDT, H. *Op. cit.*, p. 259.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas é redimida cessando de querer e começando a agir, e a interrupção não pode se originar de um ato de não-querer, pois isso já seria uma nova volição⁴⁴, e não uma ação. Desta forma, a solução de sua divisão não vem de fora, de algo que lhe seja exterior, nem mesmo da razão, mas de uma transformação de si mesma em amor, já que esta ação, para redimi-la, deve ser orientada para o amor, ou melhor, identificar-se com o amor: “a solução do conflito interno da vontade surge por uma transformação na própria vontade, por sua transformação em Amor”⁴⁵. Assim ela realiza propriamente a sua função de união, pois “o amor é obviamente o agente de ligação de maior êxito”⁴⁶. Mas, este transformar-se em amor, se fosse pleno, significaria para a vontade a sua própria dissolução, pois ao adquirir o objeto de seu desejo como algo que não pode mais perder, ela se realizaria plenamente, se aquietaria, repousaria. E esta será a situação da vontade na eternidade, não agora, situação em que ela tem que lidar continuamente com objetos que estão sempre expostos ao perigo da perda: “a vontade decide como *usar* a memória e o intelecto, isto é, ‘remete estas faculdades a alguma outra coisa’, mas não sabe como usá-las com ‘o júbilo, não da esperança, mas do que é realmente o melhor’. É este o

⁴⁴ *Ibid.*, 261.

⁴⁵ *Ibid.*, 261.

⁴⁶ *Ibid.*, 261.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas motivo pelo qual a vontade não está jamais satisfeita, ‘pois satisfação significa que a vontade está em repouso’⁴⁷. Ou seja, exercitando sua liberdade, a vontade pode, usando do material que traz em sua memória e em seu intelecto, dar um sentido para a sua ação, orientá-la para o amor, mas isso não põe fim ainda à sua inquietude, porque o amor só será pleno quando não houver mais o perigo da perda. Se não pode agora, entretanto, levar a vontade ao repouso pleno e à paz serena, a orientação da ação para o amor pelo menos apazigua em parte a sua inquietação, tornando-a resignada no amor, não ressentida. Nada “pode apaziguar a inquietação da vontade, ‘a não ser a resignação’, o desfrutar calmo e duradouro de algo presente; somente ‘a força do amor é tão grande que faz com que o espírito envolva em si mesmo as coisas sobre as quais refletiu longamente com amor’⁴⁸”.

Segundo Hannah Arendt, a transformação da vontade em amor não pode ser obra da graça, e nem pode ser espiritual, mas deve ser necessariamente uma ação da própria vontade que, pondo-se a agir, impulsionando e movendo a alma para colocar-se em ação, dissolve a divisão que a atormentava: para pôr fim a essa divisão, “a graça divina não poderia servir, uma vez que ele descobrira que a fragmentação da vontade era a mesma tanto para a má como para a boa vontade; é um tanto difícil imaginar a graça de Deus decidindo se devo ir ao teatro ou

⁴⁷ *Ibid.*, 262.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 262.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas cometer adultério*⁴⁹. É no mínimo discutível essa visão de Arendt: é óbvio que não se pode imaginar a graça de Deus decidindo entre um bem e um mal, papel próprio do livre-arbítrio da criatura decaída, não da liberdade plena que Deus possui, mas tampouco se pode imaginar, percorrendo a totalidade do pensamento agostiniano, que em algum momento a vontade possa agir fazendo o bem, atuando com amor, se não fosse movida mesmo que inconsciente e implicitamente pela graça de Deus.

2.2 A liberdade da vontade vista em relação às categorias da temporalidade:

A segunda solução para pôr fim àquela natural e essencial duplicação existente no interior da vontade na filosofia agostiniana encontra-se, segundo Hannah Arendt, na sua vinculação com a temporalidade, e de maneira especial, pelo vínculo de cada uma das faculdades da alma com um período de tempo: a lembrança com a memória, a atenção com a inteligência e a espera com a vontade. De fato, Agostinho aborda o tema da temporalidade do ponto de vista psicológico, como algo que existe para a alma, e somente para ela. O tempo só pode começar, na verdade, com a criatura racional, a única que pode experimentar consciente e livremente o transcorrer do tempo; é por isso que, segundo Agostinho, o relato bíblico da criação, no livro

⁴⁹ *Ibid.*, p. 258.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas do Gênesis, distingue a criação do mundo, que foi feito “no princípio”, da criação da criatura racional, feita “no começo”⁵⁰. A alma existe distendida no tempo, dividida entre a espera, a memória e a atenção; experimenta-se como uma realidade que só se compreende no tempo, e mais que isso, constituída pelo tempo; como diz Moacyr Novaes, “a *distentio* é expressão da dispersão temporal na multiplicidade, para além das suas conotações estritamente cognitivas. Se toda a sua vida [do homem] é *distentio*, o tempo é a própria condição ou regime sob o qual se encontra o ‘sujeito’, e não meramente um seu ‘objeto’ de estudo”⁵¹. Ela se constitui como uma constante atividade de passagem, transição de um momento a outro que não para e não se deixa prender: ela faz experiência de si como algo fugidivo, que não se deixa captar, como lembrança (presente do passado), como espera, expectativa (presente do futuro) e atenção (presente do presente). É só por meio da atenção (*atentio*) a este movimento constante de passagem, instante que só se deixa captar se esvaindo, que ela pode fazer frente ao seu natural estado de distensão (*distentio*)⁵². Ela tenta dar conta de si, apropriar-se

⁵⁰ *Ibid.*, p. 266.

⁵¹ NOVAES, Moacyr. Eternidade em Agostinho, interioridade sem sujeito. In: *Revista Analytica* 9 (2005), p. 115.

⁵² Cf. *Confessionum* XI. Ver o excelente artigo de Paul RICOEUR. As aporias da experiência do tempo: o livro XI das *Confissões* de santo Agostinho, in: *Tempo e Narrativa*. Volume 1. Campinas: Papyrus Editora, pp. 19-54.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas de sua identidade, que vai se construindo por essa mesma atividade dispersa, por meio da atenção consciente e deliberada.

Ora, embora enuncie como papel próprio da Inteligência a atenção, segundo Hannah Arendt, a atenção deliberada, tal como aconteceu na atividade do conhecimento, é ao mesmo tempo papel específico da vontade: “a atenção, como vimos, é uma das maiores funções da vontade, o grande elemento unificador, que, aqui, naquilo que Santo Agostinho chama de ‘distensão do espírito’, reúne os tempos verbais do tempo no presente do espírito”⁵³. Na verdade, um certo antagonismo e uma espécie de luta difícil de ser resolvida, que já observamos no lidar com os desejos e paixões, existe também entre inteligência e vontade na sua relação com o tempo; enquanto a inteligência fixa a sua atenção no passado, presentificando-o como lembrança, a vontade fixa a sua atenção no futuro, presentificando-o como expectativa: “o pensamento traz para o seu presente duradouro aquilo que ou é, ou, pelo menos, foi, enquanto que a vontade, estendendo-se para o futuro, move-se em uma região em que tais certezas não existem”⁵⁴. Ambos lidam com a duplicação, mas enquanto que no intelecto a duplicação é experimentada como diálogo, na vontade ela é experimentada como conflito. De fato, a atividade do pensamento é um diálogo de si consigo mesmo, que consiste também

⁵³ ARENDT, H. *Op. cit.*, p. 265.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 212.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas numa duplicação, um colocar-se a si mesmo e a toda a realidade como objeto de reflexão, como realidade refletida diante de si para ser melhor compreendida. Para esta atividade pensante, que Sócrates chamou de dois em um (eu comigo mesmo), Platão de diálogo sem som (ou pensamento), Hegel de atividade solitária, Descartes de “*cogito me cogitare*” e Kant de “*ich denke*”, a duplicação é algo salutar e a sua extinção seria a sua própria ruína: “no caso do ego pensante, ‘curar-se’ da divisão seria a pior coisa que poderia acontecer; poria fim completo ao pensamento”⁵⁵. Para a vontade, não; a duplicação para ela é causa de conflito e ela só pode harmonizar-se pelo vencimento deste conflito e a aquisição de sua unificação. É por isso que, enquanto a tonalidade própria do ego pensante é a serenidade, produzindo no filósofo o humor característico da melancolia, a tonalidade própria do ego volitivo é a tensão e o seu humor característico é a inquietude. E isso se deve a que, enquanto o pensamento lida mais com o passado, com a lembrança, sobre a qual paira a segurança do já vivido, a vontade lida mais com o futuro, com o que ainda é incerto e inseguro, pairando sobre ela um ar de inquietude e de medo: “a lembrança pode afetar a alma com um anseio pelo passado, mas essa nostalgia, embora possa conter dor e pesar, não perturba a serenidade do espírito, pois envolve coisas que estão além de nosso poder de mudar. O ego volitivo, ao contrário,

⁵⁵ *Ibid.*, p. 238. Ver também pp. 233-234; 256.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas olhando para frente, e não para trás, lida com coisas que estão em nosso poder, mas cuja realização não está absolutamente assegurada*⁵⁶.

Uma certa tentação de permanecer no passado nostálgico da lembrança sempre ronda a alma, e esta, juntando-se com o hábito de repetir sempre os mesmos comportamentos, pode provocar na alma uma espécie de paralisação do tempo. A lembrança e o hábito⁵⁷ prendem a alma ao passado, escravizando-a e mantendo-a cativa nas cadeias do tempo, fazendo com que não só o corpo seja para ela espacialmente um peso (cf. Sb 9,15), mas também o tempo seja experimentado como algo pesado e difícil de ser suportado. De fato, uma certa tentação de pôr fim à liberdade da vontade permanece sempre presente e explica

a carreira assombrosamente bem sucedida [do fatalismo] no pensamento popular através dos séculos. E a razão deste sucesso não é outra que o fato de não haver ‘outra teoria que possa acalmar com tanta eficácia qualquer ímpeto de ação, qualquer impulso para fazer um projeto, em suma,

⁵⁶ *Ibid.*, p. 214.

⁵⁷ “A luxúria provém da vontade perversa; enquanto se serve à luxúria, contrai-se o hábito; e, se não se resiste a um hábito, origina-se uma necessidade. Era assim que, por uma espécie de anéis entrelaçados – e por isso lhes chamei cadeia –, me segurava apertado em dura escravidão” (“*Quippe ex voluntate perversa facta est libido, et dum servitur libidini, facta est consuetudo, et dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas. Quibus quasi ansulis sibimet innexis – unde catenam appellavi – tenebat me obstrictum dura servitus*”). *Confessionum VIII*,v,10.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
qualquer forma de ‘eu quero’; [...] seu grande atrativo é que, por meio dele, ‘o espírito libera-se de toda necessidade de movimento’; [...] ele consegue extinguir totalmente o tempo verbal futuro, assimilando-o ao passado⁵⁸.

Um certo perigo de extinção do futuro, e da liberdade da vontade a que vai ele ligada, paira sobre a teoria agostiniana da presciência e da providência divina, a mais criticável e a mais dúbia de todas as teorias agostinianas, segundo Hannah Arendt. Em ambas teorias está em perigo a permanência do tempo em seu único estado realmente existente, o presente, seja extrapolando-o para o passado (“era para ser assim”), seja extrapolando-o para o futuro (“se sei o que vai acontecer amanhã, eu me preparo e me precavendo”): “a falha dos dois argumentos, tanto no relacionado com o passado quanto no relacionado com o futuro, é a mesma: o primeiro extrapola o presente para o passado, e o segundo extrapola-o para o futuro; e ambos assumem que o agente da extrapolação fica de fora da esfera em que o acontecimento se dá, e que ele, o observador externo, não tem qualquer poder para agir”⁵⁹. Ou seja, o perigo latente na teoria da presciência e da providência é que ela pode suscitar um comportamento de quietismo, de acomodação aos fatos e de paralisação avessa à ação. Sem pretender adentrar mais nesta

⁵⁸ ARENDT, H. *Op. cit.*, p. 213.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 263.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas complicada e controvertida teoria agostiniana, basta para o que diz respeito aos nossos objetivos neste artigo perceber, com Hannah Arendt, que Agostinho vai além deste perigo, e o que ele propõe é uma conformação tal da vontade humana com a vontade divina, de forma a que não se suprima a ação livre da vontade, mas que ela seja de tal maneira informada e ajudada pela graça que possa fazer coincidir espontaneamente o seu livre querer com o que é ordenado pela vontade de Deus; querer e dever coincidem espontaneamente pela ação da graça que liberta a liberdade da vontade e a leva a agir conformando o seu querer ao dever estabelecido por Deus⁶⁰.

O fundamental na teoria agostiniana da liberdade da vontade em seu vínculo com a temporalidade é a manutenção da primazia do futuro e a conseqüente primazia da faculdade da vontade entre as faculdades da alma por causa de sua capacidade de pôr a alma em ação, dando início a algo novo na história. Por estar voltada para o futuro, a vontade é a faculdade da inquietude, embora aspire pelo repouso sereno do fruir do objeto desejado. Por isso mesmo, a tensão advinda da duplicação do querer em não querer acaba lançando a vontade naturalmente em busca de um fazer que substitua o não-querer. A insustentável e dilaceradora insegurança do “eu quero” ainda aberto para o futuro acaba por se desfazer num inevitável “eu faço” que atualiza o futuro no presente: “qualquer volição [...] anseia por seu próprio fim, o momento em que o

⁶⁰ Cf. *Ibid.*, pp. 263-267.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas quer algo terá se transformado em fazê-lo. Em outras palavras, o humor habitual do ego volitivo é a impaciência, a inquietude e a preocupação (*Sorge*); [...] a inquietação preocupada da vontade só pode ser apaziguada por um ‘eu-quero-e-faço’, isto é, por uma interrupção de sua própria atividade”⁶¹ de duplicação teórica e investimento na ação. Como havia sido já observado ao tratarmos da liberdade da vontade entendida em relação com as outras faculdades da alma, também aqui a solução para a duplicação da vontade é a sua posta em ação, e especificamente em ação de amor, porque só no amor verdadeiro ela pode alcançar o que busca, desfrutar sem o perigo de perder. De fato, é só o amor que, mais forte que a morte, pode resistir e subsistir ao tempo; só ele pode vencer as malhas da temporalidade, eternizando o que se constrói espiritualmente no tempo: “o amor é uma espécie de vontade duradoura e livre de conflitos; [...] o que o amor produz é a duração, uma permanência da qual o espírito seria, de outra forma, incapaz; [...] ‘o amor não acaba nunca; permanecem estes três – a fé, a esperança e o amor –, porém, o maior destes (o mais durável, por assim dizer) é o amor (1Cor 13,8)”⁶². Sendo a faculdade do futuro, a vontade coloca o homem inevitavelmente diante da morte, que se apresenta à sua frente como uma realidade imprevisível, mas ao mesmo tempo irrevogável: “o homem é posto em um mundo de mudança e de

⁶¹ *Ibid.*, p. 214

⁶² *Ibid.*, p. 262.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas movimento como um novo começo porque sabe que tem um começo e que terá um fim; sabe até mesmo que este começo é o começo do seu fim – ‘toda a nossa vida nada mais é do que uma corrida em direção à morte’⁶³. Sabendo, portanto, que o que ela busca como objeto que a possa realizar, aquilo do que se pode fruir sem perigo de perda, não coaduna com a noção do tempo, onde esse objeto não pode ser encontrado como posse segura, a vontade boa é aquela que coloca toda sua expectativa na eternidade feliz, onde poderá desfrutar do objeto de seu desejo, e enquanto peregrina no tempo, busca utilizar-se dos meios que possam levá-la futuramente àquele fim⁶⁴.

Que esta superação da duplicação da vontade só possa ser resolvida na prática, através da ação orientada para o amor, Agostinho experimentou-o fortemente em sua própria vida, tal como expressou nas *Confissões*. Depois de ter descoberto, desde os 19 anos, pela leitura do *Hortensio*, de Cícero, a existência da sabedoria, e de ter descoberto através do neoplatonismo a noção de substância espiritual, que o levou a entender melhor a natureza de Deus, e de ter ainda descoberto nas Cartas de Paulo que Deus havia se encarnado tornando-se caminho de acesso a Deus, experimentava ainda uma vontade dividida, que tinha um querer fraco, que ao mesmo tempo queria e não queria: “a vontade nova, que começava a existir em mim, a vontade de Vos honrar

⁶³ *Ibid.*, p. 266

⁶⁴ Cf. KOCH, I. *Op. cit.*, pp. 71-94; aqui.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas gratuitamente e de gozar de Vós, único contentamento seguro, ainda não se achava apta para superar a outra vontade, fortificada pela concupiscência*⁶⁵. Experimentava, então, que conhecia a verdade, mas que era incapaz de possuí-la. Sabia que Deus, o eterno e imutável, era a única realidade que ele devia buscar para chegar a possuí-lo, pois só Ele era poderia ser possuído sem perigo de perda e, no entanto, “continuava preso no lodo de gozar dos bens presentes que fugiam e me dissipavam”.⁶⁶ Dilacerado internamente por essa divisão da vontade, que queria entregar-se ao bem que não podia perder, mas ao mesmo tempo não queria, porque atraída pela beleza dos bens temporais, passageiros, é então que se encontra num jardim, como outrora Adão, mas, ao contrário daquele, se sente fortemente interpelado por uma palavra de Paulo: “não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfação da carne com seus

⁶⁵ *Confessionum* VIII,v,10: “Voluntas autem nova, quae mihi esse coeperat, ut te gratis colerem fruique te vellem, Deus, sola certa iucunditas, nondum erat idonea ad superandam priorem vetustate *roboratam*”.

⁶⁶ *Confessionum* VI,xi,18-xiii,23: “Et ecce iam tricenariam aetatem gerebam in eodem luto haesitans aviditate fruendi praesentibus fugientibus et dissipantibus me”. “*O que em grande parte e com violência me prendia e torturava era o hábito de saciar a insaciável concupiscência*” (“Magna autem ex parte atque vehementer consuetudo satiandae insatiabilis concupiscentiae me captum excruciat, illum autem admiratio capiendum trahebat”:

Confessionum VI,xii,22).

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas apetites” (Rm 13,13). Agostinho faz, ele mesmo, a experiência de que a superação da divisão da vontade não se dá no nível conceitual, lógico, mas da ação: as palavras de Paulo “são convincentes e resolutivas porque deixam de lado totalmente a questão da *solução*, enquanto que, ao invés disso, se limita a dar uma resposta, mais precisamente, uma resposta que consiste no chamado a *agir* de modo bom. Somente neste sentido, e por esta razão, o passo é esclarecedor: não se trata de resolver um conflito que é insolúvel, mas de responder empenhando-se na ação”⁶⁷. E, além disso, essa palavra de Paulo não lhe caiu às mãos como um evento isolado, que tivesse um significado em si mesmo e independente de uma caminhada; ao contrário, ela foi um elemento a mais numa longa e sofrida caminhada de buscas. Fica claro, desta forma, que a superação da divisão da vontade só se pode dar não só no tempo, mas no desenrolar do tempo, como um processo. Na verdade, a

⁶⁷ Cf. SCIUTO, I. *Op. cit.*, p. 119: “Sono convincenti e risolutive perché lasciano perdere del tutto la questione della *soluzione*, mentre si limitano invece a dare una *risposta*; più esattamente, una risposta consistente nell’invito ad agire in modo buono. Soltanto in questo senso, e per questo motivo, Il passo risulta illuminante: no si tratta di risolvere um conflitto che è irresolubile, ma di rispondere impegnandosi nella’azione”. Diz ainda Sciuto: tal procedimento “*corresponde, de fato, ao modo geral de Agostinho entender os problemas vitais, nos quais verdadeiramente essencial é o resultado positivo, e não o perfeito conhecimento das promessas e dos passos intermediários*” (“corrispondi, anzi, al suo modo generale d’intendere i problemi vitali, nei quali veramente essenziale è la positività dell’esito, non la perfetta conoscibilità delle promesse e dei passaggi intermedi”: p. 120).

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas liberdade da vontade precisa ser libertada pela ação da graça, que a recupera a partir de dentro e sem violentá-la, mas realizando a sua plena essência. Comprovar isso foi o grande esforço de Agostinho nas obras do período de sua controvérsia com os pelagianos.

2.3. A liberdade da vontade vista no contexto da *ordo amoris*:

A terceira chave de leitura que utilizaremos para analisar o filme “*A liberdade é azul*”, e que talvez seja a mais importante, é a que deriva da noção de ordem, ou da chamada *ordo amoris*, que é o princípio que rege toda a criação⁶⁸. Mas, a *ordo amoris* tem a sua origem no próprio Deus, que, se a estabeleceu na criação, foi porque a tinha antes em si mesmo, ou melhor, esta ordem se identifica com Ele mesmo. Em Deus, a ordem consiste numa harmoniosa interação entre dois princípios aparentemente contraditórios: imutabilidade e movimento. Por um lado, Deus é o imutável, aquele que possui o ser em sumo grau, o único que

⁶⁸ Cf. PEGUEROLES, J. El orden del amor: esquema de la ética de San Agustín, in: *Augustinus* 22 (1977), pp. 221-228; BODEI, R. *Ordo amoris. Conflitti terreni e felicità celeste*. Bologna: Il Mulino, 1991. A noção de ordem é fundamental na metafísica agostiniana; sobre isso, pode-se ver com interesse a excelente tese de BOUTON-TOUBOULIC, Anne Isabelle. *L'ordre caché chez Saint Augustin*. Études Augustiniennes 174. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2004, 651 p., e ainda DOIGNON, J. L'émergence de la notion d'“ordre très secret” dans les premiers Dialogues d'Augustin. Son incidence sur l'approche de Dieu, in: *Revue des Études Augustiniennes* 42 (1996), pp. 243-253.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas pode manter-se no ser por si mesmo, sem dependência de qualquer outro ser, e sem nenhuma possibilidade de perda de ser. Ter o ser em sumo grau, com efeito, consiste em ser imutável, sem nenhuma possibilidade de mudança⁶⁹. Por outro lado, essa imutabilidade não significa indiferenciação, de maneira que em Deus há também uma diferenciação harmoniosa, a diferenciação das pessoas. O Pai, primeira pessoa da Trindade, diferencia-se em uma segunda pessoa, à qual gera eternamente, em tudo semelhante a si, o Filho. Entre essas duas pessoas há uma relação de amor que as vincula: o Pai se vê refletido perfeitamente no Filho e o ama; o Filho acolhe esse amor do Pai, reconhecendo-se perfeitamente amado por Ele, como reflexo semelhante a Ele, e também o ama; o Pai é o amante, o Filho o amado, e o que está entre os dois, unindo-os em vínculo indissolúvel, é o Amor, o Espírito, a terceira pessoa da Trindade. Embora, portanto, Deus seja o imutável, único ser em quem nada de ser se pode perder, há nele ao mesmo tempo um movimento harmonioso e ordenado, o movimento do Amor. Sendo a terceira pessoa, o Espírito Santo, o próprio Amor, o

⁶⁹ A descoberta de um dos temas mais importantes da metafísica agostiniana, a noção de imutabilidade, coincidiu com a descoberta por Agostinho do conceito de substância espiritual, através do encontro com o neoplatonismo, o que determinou uma das conversões mais importantes em seu pensamento. Ver: TRAPÈ, A. La nozione del mutabile e dell'immutabile secondo Sant'Agostino, in: *Quaderni della Cattedra Agostiniana*, vol. 1. Tolentino: Edizioni Agostiniane, 1959, 110 p; COOKE, B. J. The Mutability-Immutability principle in St. Augustine's metaphysics, in: *The Modern Schoolman* 23 (1946), pp. 175-193; 24 (1946), pp. 37-49.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vínculo entre as duas pessoas que se amam, é ela mesma a responsável pela manutenção desta ordem em Deus. Este papel lhe pertence precisamente porque ela se identifica com a vontade de Deus, e é papel próprio da vontade, sendo essencialmente amor, vincular realidades diferentes. Não é por acaso que muitas vezes, nomeando as pessoas da Trindade de acordo com a sua função e identidade própria, Agostinho identifica o Espírito como sendo a Ordem em Deus: “Unidade, Igualdade, Ordem”⁷⁰.

Esta ordem existente em Deus é impressa por Ele na criação, quando Ele a faz a partir do nada. Deus tudo faz com “medida, número e peso” (Sb 11,20), é um versículo que Agostinho utiliza de maneira recorrente para identificar a criação feita por Deus. Além disso, ele utiliza muitas outras definições triádicas⁷¹ para expressar como toda a criação traz em si uma semelhança com o Pai por possuir o ser, uma semelhança com o Filho por possuir forma e beleza, e uma semelhança com o Espírito por possuir ordem e estabilidade. A fórmula triádica que aqui mais nos interessa é a que diz haver na criação “um modo, uma

⁷⁰ Cf. AGOSTINHO, A. *De Música* VI. Ver o comentário de DU ROY, Olivier. *L'intelligence de la foi en la Trinité selon Saint Augustin: genèse de sa théologie trinitaire jusqu'en 391*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1966, pp. 287-295.

⁷¹ Bem supremo, Sabedoria suprema, Concórdia (ou Paz) suprema; Ser supremo, Verdade suprema e Bondade suprema; Princípio imutável, Sabedoria imutável, Caridade imutável; Vida, Sabedoria e Felicidade, e muitas outras. Cf. VARGAS, W. J. *Op. cit.*, pp. 96-121.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas espécie e uma ordem”, pois nela fica claro que o papel próprio do terceiro elemento, que no homem corresponde à vontade, é estabelecer a ordem. O papel do terceiro elemento é *dar consistência à unidade e à forma fornecidas pelos outros dois elementos*, fazendo com que cada ser permaneça em seu próprio lugar na ordem criada, conferindo-lhe *estabilidade, saúde e equilíbrio*⁷². Ele realiza este papel pondo o ser em movimento, orientando-o a ocupar o seu lugar próprio na ordem criada de acordo com o peso que lhe é próprio. O peso que cada ser possui vem da quantidade de ser que nele Deus colocou quando o criou a partir do nada. Fundamentalmente Deus criou os seres em três níveis ontológicos: os superiores, que, como Deus, são plenamente espirituais, ainda que criaturas, os anjos; os inferiores, que são materiais, diferenciados entre aqueles que possuem apenas o ser e aqueles que, além do ser possuem a vida (as plantas) e, além desta, a sensibilidade (os animais); e o mediano, o homem, que por sua alma, espiritual, se assemelha às criaturas espirituais, superiores, e por seu corpo, material, se assemelha às criaturas inferiores⁷³. Ora, nas criaturas inferiores há também um movimento que as orienta para descansar em seu lugar próprio na ordem criada, e é suscitado nelas pelo que elas receberam de

⁷² Cf. DU ROY, O. *Op. cit.*, pp. 374-376.

⁷³ Cf. TURIENZO, S. A. *“Regio Media Salutis”: imagen del hombre y su puesto en la creación en San Agustín*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1988.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vestígio da terceira pessoa da Trindade, ainda que este movimento nelas seja apenas natural, não livre. Na criatura racional, sim, este movimento é livre e racional, e é exercido pelo que nela corresponde à terceira pessoa da Trindade, a sua vontade: “o livre-arbítrio da vontade não é apenas um entre outros movimentos; é justamente através dele, na verdade, que o homem é mais do que vestígio, que o homem é imagem de Deus. [...] O fundamental é o movimento moral, o amor. As criaturas, derivadamente, têm peso, mas apenas peso involuntário; o homem tem o privilégio de mover-se segundo sua vontade, isto é, sua vontade já é seu movimento”⁷⁴. Ou seja, é a vontade que põe a alma da criatura racional em movimento para que ela se estabeleça e permaneça em seu lugar próprio na ordem criada, e assim toda a ordem do universo criado seja mantida; o peso do homem é o seu amor (“*pondus meum, amor meus*”⁷⁵).

Ora, a vontade exerce este seu papel de manutenção da ordem exercitando bem aqueles dois princípios que existem em Deus e que

⁷⁴ NOVAES, Moacyr A. F. *O livre-arbítrio da vontade humana e a presciência divina*. Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997, p. 61.

⁷⁵ *Confessionum* XIII,ix,10. Sobre este tema do peso em Agostinho, ver: TORCHIA, N. J. *Pondus meum amor meus: the weight-metaphor in St. Augustine's early philosophy*, in: *Augustinian Studies* 21 (1990), pp. 163-176; O'BRIEN, D. *Pondus meum amor meus* (Conf. XIII,9.10): Saint Augustin et Jamblique, in: *Studia Patristica* 16 (1985), pp. 524-527.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas foram impressos na criação: uma relação com a imutabilidade e com o movimento. Por um lado, a ordem só pode ser mantida se o ser permanecer aderido àquele que é imutável e é a fonte de seu próprio ser, já que ele mesmo não possui o ser por si mesmo, pois é mutável. Agostinho concede grande importância a este conceito de adesão ao ser (*ad-esse*) como condição para que a ordem seja mantida. Somente aderida a Deus, a criatura espiritual pode experimentar segurança, solidez e firmeza, pois então estará em seu lugar próprio na ordem criada, de acordo com o seu peso próprio; diz Agostinho nas *Confissões*: “quando estiver unido a Vós (Sl 62,9), [...] a minha vida será então verdadeira vida, porque estará toda cheia de Vós. Libertais do seu peso aqueles que encheis. Porque não estou cheio de Vós, sou ainda um peso para mim”⁷⁶. Aderida a Deus, ela permanece em seu lugar próprio, de acordo com o seu peso próprio, e então seu peregrinar é leve; afastada dele, ela perde o seu lugar próprio e a sua consistência própria, correspondente ao seu peso, e então é toda a sua existência que se torna pesada: “a nossa firmeza só é firmeza quando Vós nela estais; mas quando depende de nós, então é enfermidade”⁷⁷. Longe de Deus, a

⁷⁶ *Confessionum* X,xxviii,39: “Cum inhaesero tibi (Sl 62,9)... et viva erit vita mea tota plena te. Nunc autem quoniam quem tu imple, sublevas eum, quoniam tui plenus non sum, oneri mihi sum”.

⁷⁷ *Confessionum* IV,xvi,31: “Firmitas nostra quando tu es, tunc est firmitas, cum autem nostra est, infirmitas est”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas existência para a criatura racional é instável e insegura, sem firmeza, e, por isso mesmo, enferma, miserável⁷⁸.

É por essa razão que havia para a criatura racional como mandato e condição de sua permanência no paraíso criado por Deus a sua adesão a Ele; se dele se afastasse, perdendo a adesão, ela cairia: “se abandonares o auxílio do Altíssimo, como não tens forças para te auxiliares em ti mesmo, cairás”⁷⁹. Foi, de fato, o que aconteceu às mais altas criaturas racionais, os anjos, que pretendendo autonomia e independência com relação a Deus, dele se afastaram e caíram, perdendo toda a sua consistência e firmeza: “os anjos maus, tendo *abandonado* a Deus por ímpia soberba, foram arrojados da celeste mansão no abismo das trevas. [...] Os bons anjos, porém, *permaneceram* em Deus, desfrutando de seu reto conhecimento, com o qual estavam *seguros* de sua eterna *estabilidade*”⁸⁰. Esta mesma norma

⁷⁸ Para Agostinho, a palavra “*infirmas*” tem estes dois sentidos: de instabilidade, falta de *firmeza*, e de *enfermidade*, doença, que ele identifica com a própria condição humana decaída, *miserável*, e que por isso mesmo necessita inevitavelmente da *misericórdia* de Deus. Sobre o tema da “*infirmas*” em Agostinho, ver: BARTELINK, Gerard. *Fragilitas (infirmas) humana chez Augustin*, in: BRUNING, Bernard. *Collectanea Augustiniana. Mélanges T. J. van Bavel*. Vol. II. Leuven: University Press, 1990, pp. 815-828.

⁷⁹ *Enarrationes in Psalmos* XC,§I,1: “Si recedas ab adiutorio Altissimi, te ipsum non valens adiuvare, cades”.

⁸⁰ *Enchiridion*, XXVIII,9: “Angelis igitur aliquibus impia superbia deserentibus Deum, et in huius aeris imam caliginem de superna caelesti habitatione deiectis. ... Ceteri pia obedientia Domino cohaeserunt, accipientes etiam, quod illi non

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas valeria, então, para sempre também para o homem: se permanecesse aderido a Deus, se manteria ordenado em seu próprio lugar, de acordo com o seu peso próprio, e sua alma experimentaria repouso, quietude, mas se dele se afastasse, perderia o seu peso próprio, e, em vez de paz e repouso, experimentaria a desordem e a inquietude. Diz Agostinho de sua própria experiência: “dentro de mim, inquieta-se a minha alma. Inquieta-se quando se *aproxima* do que é mutável. Refaz as suas forças *perto* do que é imutável”⁸¹. Foi precisamente o que ele experimentou longe de Deus, completamente afastado dele, tal como ele o expressa nas *Confissões*: “eis onde jaz *enferma* a alma que ainda *não aderiu à solidez da Verdade*. Avança e volta, retrocede e torna a retroceder, *como os sopros das línguas que ventam dos pulmões dos sentenciosos*”⁸². Não permanecendo em seu lugar próprio na ordem criada, de acordo com o peso que lhe é próprio, o homem se torna vazio, sem peso, como que perdido, lançado ao abismo, sem ter onde se agarrar, já que se afastou daquele ao qual estava aderido: “*leves e inflados, como que suspensos habuerunt, certam scientiam qua essent de sua sempiterna et numquam casura stabilitate securi*”.

⁸¹ *Enarrationes in Psalmos* XLI,12: “Ad me turbata est. Ad incommutabile reficiebatur, ad mutabile perturbabatur”.

⁸² *Confessionum* IV,xiv,23: “Ecce ubi iacet anima infirma nondum haerens soliditati veritatis. Sicut aerae linguarum flaverint a pectoribus opinantium, ita fertur et vertitur, torquetur ac retorquetur”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas sobre o vazio, onde não puderam encontrar apoio seguro, vieram a cair”⁸³. Isso foi o que aconteceu ao homem, por causa do pecado original, que outra coisa não é que o abandono de Deus: “o início do pecado é a soberba; o início da soberba é o afastamento de Deus” (Eclo 10,12-13)⁸⁴.

O outro princípio pelo qual a vontade manteria a ordem impressa por Deus na criação é o do movimento. A própria vontade se define como movimento: “a vontade é o movimento da alma, sem ser por nada coagida, orientado para adquirir uma coisa ou para não perdê-la”⁸⁵. Muitas vezes Agostinho se refere à vontade como se ela fosse os pés da alma, aquela que a põe em movimento e não permite que ela permaneça inerte: “os afetos humanos, sem os quais não se pode viver nesta vida mortal, são de alguma forma os pés, por meio dos quais nos pomos em contato com as coisas humanas”⁸⁶. É por meio dos afetos que

⁸³ *De Spiritu et Littera* XII,19: “leves et inflati ac per se ipsos velut per inane sublati, ubi non requiescerent, sed fracti dissilirent”.

⁸⁴ Cf. O’CONNELL, Robert J. Augustine’s exegetical use of Ecclesiasticus 10,9-14, in: VAN FLETEREN, Frederick. *Augustine, biblical exegete*. New York: Peter Lang, 2004, pp. 233-252.

⁸⁵ *De Duabus Animabus contra Manichaeos* XX,14: “Voluntas est animi motus, cogente nullo, ad aliquid vel non amittendum, vel adipiscendumla”.

⁸⁶ *In Evangelium Ioannis Tractatus* LVI,4: “Ipsi igitur humani affectus, sine quibus in hac mortalitate non vivitur, quasi pedes sunt, ubi ex humanis rebus afficimur”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
a alma se põe em movimento, de maneira que cada afeto é uma forma de a própria alma se expressar: “os nossos afetos são movimentos da alma. A alegria é a difusão da alma; a tristeza é a contração da alma; a cobiça é o avanço ganancioso da alma; o temor é a fuga da alma”⁸⁷. Mas, é o amor que é o seu movimento próprio; é ele que a motiva a buscar o objeto de seu desejo, e uma vez alcançado, a não perdê-lo. Na verdade, o que o amor procura é a ausência do medo, é ver-se livre do medo de perder. O movimento da vontade deveria adequar-se, portanto, à qualidade ontológica do objeto de seu desejo, à quantidade de ser que ele possui em si. Assim, o único ser que ela poderia amar de forma absoluta, sem referência a nada além dele mesmo, é Deus, único que pode ser amado por si mesmo, porque único que não se pode perder. De fato, a vontade anseia por repousar, por aquietar-se e em certo sentido pôr fim a seu movimento num objeto que possa amar sem perigo de perder. Só quando transformar-se em amor, portanto, a vontade se pode realizar, pois só o amor “não se extingue quando alcança seu objetivo, mas sim possibilita ao espírito ‘permanecer *imóvel* para poder *desfrutá-lo*’”⁸⁸. E, por outro lado, só um objeto que não se possa perder é correspondente a um amor assim de fruição e de gozo. Ou seja, amor

⁸⁷ *In Evangelium Ioannis Tractatus* II,34: “Affectiones nostrae motus animorum sunt. Laetitia, animi diffusio; tristitia, animi contractio: cupiditas, animi progressio; timor, animi fuga est”.

⁸⁸ ARENDT, H. *Op. cit.*, p. 261.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas verdadeiro e puro, como desejo, por um lado, e Deus, como “objeto” do desejo, por outro, são correspondentes, pois somente os dois são eternos. Deus é o objeto de desejo próprio da criatura racional, pois só Ele pode preencher o desejo de plenitude, de repouso e quietude, numa palavra, de eternidade, que ela tem. Enquanto peregrina no tempo, a vontade da criatura racional experimenta o vazio de não poder ser preenchida plenamente por nada a não ser o próprio Deus, e se move inquieta na busca de preenchimento deste vazio: “inquieto está o nosso coração enquanto não descansa em Ti”⁸⁹, diz Agostinho na abertura das *Confissões*.

Amor de gozo e fruição, portanto, só de Deus, pois é o único objeto que o pode permitir sem defraudar, por ser o único que não se pode perder. Nisto consiste, precisamente, para a criatura racional, a ordem do amor: ela deve fruir e gozar do ser superior, pois é o único que não pode perder, e usar, utilizar-se das criaturas inferiores e semelhantes a si de modo a referi-las como meios a serviço da realização do amor a Deus⁹⁰. Essa ordem está inscrita na criação como uma espécie de lei que lhe é interna, de maneira que é uma ordem justa,

⁸⁹ *Confessionum* I,i,1: “Inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te”.

⁹⁰ Cf. O’CONNOR, William Riordan. The uti/frui distinction in Augustine’s Ethics, in: *Augustinian Studies* 14 (1983), pp. 45-62; CANNING, R. The Augustinian uti/frui distinction in the relation between love for neighbour and love for God, in: *Augustiniana* 33 (1983), pp. 165-231.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas já que “nos ensina para onde devemos de dirigir o nosso amor”⁹¹. Agostinho distingue claramente o que se entende por fruir, gozar (*frui*) e usar, utilizar (*uti*): “fruir consiste em ligar-se a uma coisa pelo amor a ela mesma. Usar, ao contrário, é reconduzir o objeto de que fazemos uso para o objeto que se ama”⁹². A razão pela qual as criaturas inferiores e semelhantes a si não devem ser amadas pela criatura racional está em que, assim como ela própria, também elas são criaturas, foram feitas do nada e para o nada se encaminham. Elas foram feitas por Deus, e por causa disso trazem em si vestígios de sua unidade, beleza e bondade, e como tal, atraem a criatura racional para que as possua, mas, tendo sido feitas do nada, não podem preencher o desejo de plenitude, de algo que não se possa perder, que ela traz em si. Diz, de maneira bela, Agostinho, nas *Confissões*: “que não se agarre a elas [às criaturas inferiores e semelhantes a si] pelo visco do amor que entra pelos sentidos do corpo. Também as coisas caminham para não existirem (cf. Sl 138,7), e dilaceram a alma com desejos pestilenciais, porque ela quer existir e

⁹¹ *Confessionum* X,xxxvii,61: “Verum etiam iustitiam, id est quo eum conferamus (amorem)”.

⁹² *De Doctrina Christiana* I,4: “Frui est enim amore inhaerere alicui rei propter seipsam. Uti autem, quod in usum venerit ad id quod amas obtinendum refert”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas gosta de descansar no que ama. Mas, não tem onde, porque as coisas não são estáveis: fogem”⁹³.

Esse movimento equivocado, “amor da criatura em lugar do criador” (Rm 1,18-25)⁹⁴, procurando obter nelas o que elas não podem lhe dar, o gozo sem perigo de perda, é definido por Agostinho como o que está na origem do pecado: “a sua causa pode ter sido ou o desejo de alcançar alguns dos bens a que chamamos ínfimos, ou o medo de os perder, [...] a propensão imoderada para os bens inferiores, embora sejam bons, e o abandono de outros melhores e mais elevados, ou seja, a Deus mesmo, a vossa verdade e a vossa lei”⁹⁵. A sua origem há de ser buscada, portanto, não nas criaturas inferiores, em si mesmas boas, uma vez que criadas por Deus, mas no amor desordenado, que não obedeceu

⁹³ *Confessionum* IV,x,15: “Non in eis infigatur glutine amore per sensus corporis. Eunt enim quo ibant (cf. Sl 138,7), ut non sint, et conscindunt eam desiderii pestilentiosis, quoniam ipsa esse vult et requiescere amat in eis, quae amat. In illis autem non est ubi, quia non stant; fugiunt”.

⁹⁴ Sobre a exegese deste importante texto em Agostinho, ver: MADEC, G. *Connaissance de Dieu et action de grâces: essai sur les citations de l’Ep. aux Romains 1,18-25 dans l’oeuvre de Saint Augustin*, in: *Recherches Augustiniennes* 2 (1962), pp. 273-309.

⁹⁵ *Confessionum* II,v,10-11: “causa factum sit, credi non solet, nisi cum appetitus adipiscendi alicuius illorum bonorum, quae infima diximus, esse potuisse apparuerit aut metus amittendi, [...] habet etiam honor temporalis et imperitandi atque superandi potentia suum decus, unde etiam vindictae aviditas oritur; et tamen in cuncta haec adipiscenda non est egrediendum abs te, Domine, neque deviandum a lege tua”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas à ordem inscrita na criação. Como este movimento é equivocado, porque antinatural, os seus frutos só podem ser destruidores para a criatura racional. Ao inclinar-se para o que é inferior, afastando-se do superior e pretendendo ter no inferior fruição e gozo, a alma de certa forma se diminui em sua natureza, aproxima-se mais do nada sob a influência de um apetite defectivo⁹⁶. Agostinho, no auge de sua busca de realização no amor às coisas temporais e passageiras, expressa de maneira clara este vazio que se sente quando se coloca o coração nas coisas que caminham para o nada: “estava sem apetites de alimentos incorruptíveis, não porque deles transbordasse, mas porque, *quanto mais vazio, tanto mais enfastiado me sentia*. Por isso minha alma não tinha saúde, e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis”⁹⁷. E, quando descreve o fim de seu próprio caminho, aonde foi acabar, distante de Deus, e a partir de onde se recolhe, uma vez reencontrado o porto seguro de onde partiu, diz o seguinte: “concentro-me, livre da dispersão em que *me dissipei e me reduzi ao nada*, afastando-me de vossa unidade para inúmeras bagatelas; [...] a minha beleza definhou-se (cf. Dn. 10,8) e apodreci aos

⁹⁶ Cf. *Contra Secundinum Manichaeum* 11.

⁹⁷ *Confessionum* III,i,1: “Eram sine desiderio alimentorum incorruptibilium, non quia plenus eis eram, sed quo inanior, fastidiosior. Et ideo non bene valebat anima mea et ulcerosa proiciebat se foras, miserabiliter scalpi avida contactu sensibilium”.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vossos olhos*⁹⁸. Assim chega a ser o homem que coloca seu coração nos bens que passam; de certa forma ele se identifica com estes bens e se torna tão vazio, tão próximo do nada, como eles mesmos o são: “ao sair de si para ir-se às coisas exteriores, o amor do homem começa a *esfumar-se* com as coisas amadas, que também se esfumam e a derrocar as próprias energias, por assim dizer; se *esvazia*”⁹⁹; sua alma se torna “vazia e sem peso, inchada e elevada, como que pendurada entre a terra e o céu, no espaço intermédio próprio do vento”¹⁰⁰. A precariedade e a fugacidade deste mundo fazem com que todo sentimento que a alma que nele põe a confiança experimentar seja também fugaz. Permitimo-nos citar um longo, mas belíssimo texto de Agostinho, que expressa a fugacidade de todas as coisas que não são o próprio Deus:

“A alegria do mundo é *vaidade*. Espera-se com grande ansiedade, e quando tiver vindo, não se pode conservar. O dia de hoje, que trouxe alegria aos homens do mundo, amantes da vaidade, amanhã já não existe. Nem tais homens serão amanhã, o que são hoje. *Todas as coisas passam, todas voam, e esvaem-se como o fumo*. E, *ai dos que as amam*. Toda a alma corre atrás do objeto do seu amor. ‘Toda a carne é feno, e toda a sua glória é como a flor do

⁹⁸ *Confessionum* II,i,1, p. 63 V47: “Colligens me a dispersione, in qua frustatim discissus sum, dum ab uno te aversus in multa evanui. [...] Et contabuit species mea et computrui (cf. Dn 10,8) coram oculis tuis”.

⁹⁹ *Sermo* XCVI,ii,2: “Ad ea quae foris sunt, incipit cum vanis evanescere, et vires suas quodam modo prodigus erogare. Exinanitur”. Ver: RONDET, H./CHEVALLIER, L. L’idée de vanité dans l’oeuvre de Augustin, in: *Revue des Études Augustiniennes* 3 (1957), pp. 221-234.

¹⁰⁰ *Sermo* CLXXXIV,i,1 (Lambot 16): “Manes et leves, inflati et elati, et tamquam inter caelum et terram in ventoso medio pependerit”.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas campo. Secou-se o feno, e caiu a flor, mas a palavra do Senhor permanece eternamente' (Is 40,6-8). Se queres viver eternamente, debes amar a Palavra do Senhor*¹⁰¹.

Como sair desta situação de proximidade com o vazio, de insatisfação e insaciedade? Pelo restabelecimento da ordem, através de um reordenamento dos afetos, ou seja, que aos objetos de desejo corresponda um afeto adequado ao seu peso próprio. Como chegar a ter forças para fazer isso? É aqui que entra em jogo o terceiro elemento da definição agostiniana de vontade, e que é o mais importante: a sua liberdade. De fato, a vontade é, por um lado, desejo, movimento, que é motivado, por outro lado, por um objeto que lhe é adequado (a posse sem o perigo de perda), mas ela mesma é, sobretudo, liberdade em todo este movimento (“sem ser por nada coagida”). A vontade pode, então, posicionar-se livremente perante essa situação de insatisfação e vazio, mas não sozinha e de modo autosuficiente, senão informada, dilatada e acompanhada pela graça. Sua cura é motivada pela Caridade, o Amor de Deus. O primeiro passo, portanto, é reencontrar, mesmo que de forma não explicitada conscientemente, o Amor de Deus, a Caridade.

¹⁰¹ *In Evangelium Ioannis Tractatus VII,1: “Laetitia saeculi, vanitas. Cum magna exspectatione speratur ut veniat, et non potest teneri cum venerit. Iste enim dies qui laetus est perditis hodie in ista civitate, cras utique non erit: nec iidem ipsi cras hoc erunt quod hodie sunt. Et transeunt omnia, et evolant omnia, et sicut fumus vanescunt: et vae qui amant talia! Omnis enim anima sequitur quod amat. Omnis caro fenum, et omnis honor carnis quasi flos feni; fenum aruit, flos decidit: Verbum autem Domini manet in aeternum (Is 40,6-8). Ecce quod ames, si vis manere in aeternum”.*

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
Encontrando, ou melhor, experimentando o verdadeiro e eterno amor, a caridade, e ancorando-se neste amor, o homem pode reorientar o seu amor pelos objetos deste mundo temporal. Tendo contemplado o bem supremo, que nada e ninguém podem arrancar-lhe, e tendo sido arrebatado em seus afetos pelo amor a Ele que tudo relativiza, o homem dá continuidade ao papel divino de ordenar o mundo. Como bem diz Hannah Arendt: “regressando de um futuro absoluto, o homem pôs-se fora do mundo e ordenou-o. Vivendo no mundo, ele tem o amor ordenado, ama como se não estivesse no mundo, como se fosse o próprio ordenador do mundo. *Ele tem aquilo que não pode ser perdido e está fora de qualquer perigo, o que o torna objetivo*”¹⁰².

Tanto o amor ao mundo, como o amor a si próprio e ao próximo, são agora compreendidos a partir desse “por amor de” (*propter*) Deus. Não se trata de fazer uma renúncia absoluta aos bens deste mundo, mas de uma renúncia relativa, uma “renúncia *por*”, *pelo* amor do eterno. O amor de si mesmo transforma-se em esquecimento de si, não mais aquele alienado esquecimento de si da concupiscência, que se perdia na dispersão própria do mundo quando amado por si mesmo, mas de um esquecimento de si que é posse de si, pois é encontrar-se naquele que nos criou, que tem, portanto, a chave de nossa compreensão. O amor ao próximo também é exercido agora a partir de Deus, em Deus, visto da forma como o próprio Deus o vê, ou seja, como a criatura amada da

¹⁰² ARENDT, Hannah. *Op. cit.*, p. 44.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas forma como foi criada e não naquilo que ela própria se tornou ao longo de sua vida, seja positiva ou negativamente: “sem odiar o homem por causa do vício, nem amar o vício por causa do homem; ele deve simplesmente odiar o vício e amar o homem”¹⁰³; “em nenhum caso é a qualidade de pecador que é preciso amar no pecador”¹⁰⁴; “daí resulta que devemos amar mesmo os nossos inimigos. Com efeito, não os tememos, visto que eles não nos podem retirar Aquele que amamos”¹⁰⁵. Em todos os casos, no amor do mundo, de si mesmo e do próximo, orientados pelo amor a Deus, é a superação do medo da perda a maior conquista do homem. O homem torna-se realmente livre, pois a liberdade é sempre liberdade com relação ao medo da perda. “A caridade não conhece mais o medo, porque não conhece mais a perda”¹⁰⁶, ou, como se diz na Primeira Carta de São João: “no amor não há temor” (1Jo 4,18).

¹⁰³ *De Civitate Dei* XIV,vi: “Uc nec propter vitium oderit hominem, nec amet vitium propter hominem; sed oderit vitium amet hominem”.

¹⁰⁴ *De Doctrina Christiana* I,28: “Omnis peccator in quantum peccator est, non est diligendus”.

¹⁰⁵ *De Doctrina Christiana* I,30: “Hinc efficitur ut inimicos etiam nostros diligamus: non enim eos timemus, quia nobis quod diligimus auferre non possunt”.

¹⁰⁶ ARENDT, H. *Op. cit.*, p. 38. Para toda esta parte do reordenamento dos afetos através da caridade, ver a mesma obra nas páginas 36-44.

Ora, isso se faz, sobretudo, pela presença da graça, mesmo que acolhida de forma não explicitada conscientemente, mas não sem uma ação da própria vontade, que necessariamente deve passar por um exercício de interioridade, de volta a si mesmo no próprio interior. Porque, de fato, no amor das criaturas que estavam fora de si, também a alma se esqueceu de si e se perdeu: “afastou-se de si sem ficar em si mesma; sentiu-se impelida a sair de si, *saiu fora de si mesma e se precipitou sobre o exterior*”¹⁰⁷. É necessário, portanto, que ela volte a si mesma para se reencontrar, e não de qualquer forma, mas em sua própria essência, como imagem e semelhança de Deus, que habita no mais íntimo de si como Mestre Interior; diz Agostinho: “deixa as exterioridades, o teu vestido, e mesmo a tua carne, e desce ao teu interior, penetra no ponto mais íntimo do teu ser, penetra no teu espírito. [...] Foste feito à imagem de Deus, mas essa imagem está na tua alma, não no teu corpo. Procuremos Deus na sua semelhança, reconheçamos o Criador na sua imagem”¹⁰⁸. Em seu próprio interior é que a alma poderá, utilizando sua memória e refazendo a sua história, dar-se conta de si mesma, através do seu entendimento, e reconhecendo a sua

¹⁰⁷ *Sermo CXLII*,3: “Recessit ab illo, et non remansit in se; ideo et a se pellitur, et a se excluditur, et in exteriora prolabitur”.

¹⁰⁸ *In Evangelium Ioannis Tractatus XXIII*,10: “Relinque foris et vestem tuam et carnem tuam, descende in te, adi secretarium tuum, mentem tuam, [...] quia utique non in corpore, sed in ipsa mente factus est homo ad imaginem Dei. In similitudine sua Deum quaeramus, in imagine sua Creatorem agnoscamus”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas situação (“*confessando*”), pô a sua vontade em um movimento que a leve a ações de amor, pois só assim ela se redime a si mesma: “faça o homem o que pode, *confesse* o que é, para que possa ser *curado* por Aquele que sempre é o que é. Ele sempre era e é; nós não éramos e somos”¹⁰⁹. A graça cura a liberdade da vontade através do amor, da ação espontaneamente orientada para o bem do próximo.

3. Análise do conceito de liberdade no filme *A liberdade é azul*:

Uma vez apresentadas estas três chaves de leitura, passemos então à leitura do tema da liberdade no filme *A liberdade é azul*. A nosso ver, existem no filme duas noções de liberdade em permanente tensão. Por um lado, está a liberdade que, em linguagem agostiniana, poderíamos chamar de *adâmica*: uma liberdade que se identifica com autonomia e independência, com a pretensão de ausência de qualquer empecilho que lhe possa servir de condicionamento ou até mesmo de determinismo. É uma liberdade que, para conseguir essa autonomia, pretende desvencilhar-se de todos os vínculos, desatando-se de tudo o que possa de alguma forma prendê-la, mesmo que fosse algo que

¹⁰⁹ *In Epistolam Ioannis ad Parthos Tractatus* I,5: “Ideo quod potest homo faciat; ipse confiteatur quod est, ut ab illo curetur qui semper est quod est: ipse enim semper erat et est; nos non eramus et sumus”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas pretendesse ser seu fundamento. E por isso mesmo, por não importarlhe o fundamento que a sustenta, contenta-se somente com a sua atividade mais exterior, a sua capacidade de escolher entre uma coisa ou outra, e de certa forma “fazer o que quer”. É a liberdade que se entende como reduzida ao exercício do livre-arbítrio. Essa visão de liberdade aparece como imagem no filme na própria cor que a simboliza, o azul, como indicativo do que é infinito, incontrolável, e vinculado a ele, na imagem do homem que se lança no abismo praticando “bungee jumping”, ainda que essa imagem apenas sugira o contrário: é como se pretendesse poder lançar-se sem estar apegado e sustentado por nada. Por outro lado, está a liberdade entendida fundamentalmente em relação ao amor, como faculdade que move a alma na busca da fruição amorosa de um objeto que a possa satisfazer, ou seja, que não esteja exposto ao perigo da perda, o que só se pode dar no contexto do amor. É óbvio que isso não pode ser conseguido nas atuais condições espaço-temporais, e por isso mesmo, os condicionamentos que lhe vêm das relações, do passado (memória), do futuro (projetos...), não são entendidos como empecilhos, porque compreendidos no contexto do amor ultrapassam a espacialidade e a temporalidade. Os empecilhos são o preço de sua falta de plenitude, mas são também a condição de possibilidade de sua existência. Do contrário, ela seria uma liberdade no vazio, que é onde acaba caindo a primeira noção de liberdade. Esse segundo modelo de liberdade é uma liberdade com vínculos. Várias imagens ilustram essa

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
visão de liberdade no filme, ainda que uma, a nosso ver, seja a mais significativa: Julie está tomando um café num bar, e, enquanto o café empapa o bloquinho de açúcar, um claro/escuro passa sobre os objetos na mesa como que a indicar a ação do tempo. Ou seja, esta liberdade se entende, sobretudo, como envolvimento mútuo (como o café e o açúcar, em que as realidades se misturam num processo de mútua transformação), que acontece no transcorrer do tempo (sendo, portanto, fundamental a memória de uma história e projetos que vinculem para o futuro).

Entre essas duas visões de liberdade, sendo como que o terreno onde elas podem existir, está a vontade em sua estrutura fundamental de duplicação entre querer e não querer (*velle e nolle*), cuja tensão conduz naturalmente a uma ação que visa pôr fim à divisão. Por isso, parece-me que o diálogo mais importante no filme, constituindo-se naquilo que impulsiona uma mudança de atitude da protagonista, antes dividida entre o primeiro e o segundo conceitos de liberdade, ora fugindo de todo vínculo, mas agora solicitada por alguém que a ama, é aquele que se estabelece entre Julie e Olivier a certa altura mais ou menos na metade do filme: ao saber que Olivier estava a trabalhar nas partituras do concerto sobre a unificação da Europa, ela o interroga, ao mesmo tempo triste e nervosa: “Por que você fez isso?”, ao que ele responde: “para fazê-la chorar, para fazê-la correr. Foi a única forma de lhe fazer dizer: *quero ou não quero*”. É a perfeita descrição do que Hannah

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas Arendt entende por vontade dividida, aquela à qual Agostinho se refere nas Confissões. Esse é o divisor das águas do filme. Era necessário que Julie acionasse a sua vontade e se movesse; e a vontade é essencialmente movimento. Ao pretender estacionar o movimento, ela na verdade não instaurara um novo movimento, mas estabelecera a sua paralisia. Por isso, na verdade, o primeiro modelo de liberdade é um equívoco, e assim como o mal, que não tem substância, mas é apenas uma deficiência, uma danificação de algo que é essencialmente um bem – a natureza –, da mesma forma aquele primeiro modelo não é mais que uma negação da verdadeira liberdade. E, por ser assim um movimento inconsistente, é que no filme Julie se mantém a maior parte do tempo no vazio, como que morta em vida. É a partir dessa cena que Julie começa sua mudança, e da letargia e inércia de antes passa a um movimento de vida e de amor que a levará finalmente ao trabalho de terminar o concerto abandonado sem conclusão.

Temos, assim, portanto, os três pontos que a seguir ilustraremos com cenas do próprio filme: o “movimento” equivocado da liberdade, ou a liberdade paralisada; a liberdade bem orientada; e o processo que conduz de um ao outro. Antes, porém, de passarmos a estes três pontos, gostaríamos de ilustrar com a experiência de Agostinho o que serve de quadro que contextualiza a análise que o diretor do filme faz da liberdade: a experiência da perda.

3.1. A experiência da perda como contexto de análise da liberdade

Toda a reflexão proposta pelo filme sobre o tema da liberdade parte de uma experiência de perda, a morte inesperada e trágica do marido e da filha da protagonista, Julie. A filha, ainda criança, pouco antes do acidente é mostrada brincando com um papel azul, que envolvia o pirulito que ela chupa, dentro do carro. Após o acidente, o papel, que pela cor já simbolizava o tema da liberdade proposto pelo filme, voa pelos ares, enquanto que uma bola de voleibol que estava no interior do carro rola descontrolada saindo do carro batido em uma árvore. Aparece já de alguma forma o imprevisível e fora de controle que paira sobre o tema da liberdade e que atravessará todo o filme. A criança morre e a protagonista acorda no hospital com a notícia da morte do marido e da filha. Pelo pequeno televisor trazido por um amigo, ela acompanha a transmissão do enterro dos dois, enquanto o locutor comenta que o falecido era um grande músico, que estava em processo de composição de uma sinfonia em homenagem à unificação da Europa, um lindo projeto de futuro em que a própria protagonista estaria envolvida (uma jornalista que a visita no hospital pergunta se não era ela a autora das composições do marido). E assim está contextualizado o quadro em que será trabalhado o tema da liberdade no filme: a experiência da perda e tudo a que ela vai vinculado: a dor e a angústia da falta de aceitação do ocorrido, a inércia e o desejo de

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas paralisar-se no passado, como se aquele acontecimento não tivesse ocorrido, a necessidade que o instinto de sobrevivência traz de procurar uma saída e fugir da paralisia no passado. É o mesmo quadro em que Agostinho trabalha o tema da liberdade da vontade: está em questão a faculdade que põe a alma em movimento em sua busca de adquirir um objeto que seja correspondente ao seu desejo, um objeto que não se deixe perder. Está em questão um processo de libertação da liberdade, que passa por uma reconciliação com o tempo, pelo exercício de recuperação da história pela memória e de recuperação do sentido pelo reacender no presente de projetos que suscitem esperança para o futuro.

Antes, porém, de passarmos propriamente à análise do tema da liberdade no filme, convém recordar que também Agostinho viveu uma forte experiência de perda, a morte de um grande amigo, que ele descreve de forma bela e dramática no livro IV das *Confissões*. Trata-se de um colega de infância que, embora tendo crescido juntos e participado juntos de jogos, somente tornaram-se amigos depois de se reencontrarem mais tarde, e não durou mais que um ano e meio a forte amizade para que a doença e a morte o arrebatassem de sua companhia. A dor e o sofrimento com que Agostinho descreve esta experiência de perda é comovente:

“com tal dor, *entenebreceu-se-me o coração* (cf. Lm 5,17). *Tudo o que via era morte*. A pátria era para mim um exílio, e a casa paterna, um estranho tormento. *Tudo o que com ele comunicava, sem ele convertia-se-me em enorme martírio*. *Os meus olhos indagavam-no por toda parte*, e não me era restituído. *Tudo me aborrecia, porque nada o continha* e ninguém me

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
avisava: ‘ali vem ele!’, como quando voltava, ao encontrar-se ausente. Tinha-me transformado num grande problema. Interrogava à minha alma porque andava triste e se perturbava tanto, e *nada me sabia responder*. Se lhe dizia: ‘espera em Deus’ (Sl 41,6.12; 42,5), não obedecia. E com razão, pois o homem tão querido que perdera era mais verdadeiro e melhor que o fantasma em que lhe mandava ter esperança. *Só o choro me era doce*. Só ele sucedera ao meu amigo, nas delícias da alma (Sl 138,11; cf. Pr 29,17)”¹¹⁰.

É uma bela descrição do que se vive na experiência da perda, e uma precisa expressão do que se mostra ao longo do filme como sentimento geral de Julie: a sensação de um vazio insubstituível, uma lembrança constante da pessoa perdida em tudo o que de alguma forma remete a ela, e a decepção aterrorizante da ausência irrevogável, uma tristeza mortal na alma que torna os olhos tristes e entenebrecidos, incapazes de ver beleza em coisa alguma. Na verdade é como se ele mesmo, que perdera o amigo, tivesse morrido um pouco; é o que o próprio Agostinho expressa: “que bem se exprimiu um poeta, quando chamou

¹¹⁰ *Confessionum* IV,iv,9: “Quo dolore contenebratum est cor meum (cf. Lm 5,17), et quidquid aspiciebam mors erat. Et erat mihi patria supplicium et paterna domus mira infelicitas, et quidquid cum illo communicaveram, sine illo in cruciatum immanem verterat. Expetebant eum undique oculi mei, et non dabatur; et oderam omnia, quod non haberent eum, nec mihi iam dicere poterant: ‘Ecce veniet’, sicut cum viveret, quando absens erat. Factus eram ipse mihi magna quaestio et interrogabam animam meam, quare tristis esset et quare conturbaret me valde, et nihil noverat respondere mihi. Et si dicebam: ‘Spera in Deum’ (Sl 41,6.12; 42,5), iuste non obtemperabat, quia verior erat et melior homo, quem carissimum amiserat, quam phantasma, in quod sperare iuebatur. Solus fletus erat dulcis mihi et successerat amico meo in deliciis animi mei (Sl 138,11; cf. Pr 29,17)”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas ao seu amigo ‘metade da sua alma’! Ora, eu, que senti que a minha alma e a sua formavam uma só em dois corpos, tinha horror à vida, porque não queria viver só com a metade”¹¹¹. Experimenta uma vizinhança com a morte alheia, que faz com que ela mesma se torne uma vizinha próxima de si mesmo: “dominava-me um pesadíssimo tédio de viver e um medo de morrer”¹¹²; é como se os papéis se invertessem e o morto verdadeiro fosse aquele que permaneceu em vida: “a morte dos vivos pela perda da vida dos mortos”¹¹³. Agostinho experimenta a sua alma desnordeada, perdida no espaço e no tempo, sem ter um lugar onde descansar e sem ter um tempo onde refugiar-se do presente angustiante:

“trazia a alma despedaçada a escorrer sangue: repugnava-lhe ser por mim conduzida, e eu não encontrava lugar onde a depusesse. Não descansava nos bosques amenos, nem nos jogos e cânticos, nem em lugares suavemente perfumados, nem em banquetes faustosos, nem no prazer da alcova e do leito, nem finalmente nos livros e versos. Tudo me horrorizava, até a própria luz. Tudo o que não era o que ele era tinha por mau e fastidioso, exceto os gemidos e as lágrimas, pois só nestas encontrava repouso”¹¹⁴.

¹¹¹ *Confessionum* IV,vi,11: “Bene quidam dixit de amico suo: dimidium animae suae (Cf. HORAT, *Carm.* 1,3-8). Nam ego sensi animam meam et animam illius unam fuisse animam in duobus corporibus (Cf. OVID., *Trist.* 4, 4-72; OTTO., *Op. cit.*, s. v.: *animus* 1, p. 25-26), et ideo mihi horrore erat vita, quia nolebam dimidius vivere”.

¹¹² *Confessionum* IV,vi,11: “Taedium vivendi erat in me gravissimum et moriendi metus”.

¹¹³ *Confessionum* IV,ix,14: “Ex amissa vita morientium mors viventium”.

Nenhuma alegria para a alma em luto, nem a boa comida, os belos lugares, nem mesmo o sexo, tal como experimenta a protagonista de nosso filme. E o pior de tudo: a sensação de nada a poder conter; é como se flutuasse no vazio sem ter onde repousar e a impressão de ir caindo para um abismo sem fundo: “se ali tentava colocá-la, para descansar, *deslizava pelo vácuo* e ruía sobre mim, continuando eu a ser um lugar de infelicidade, *onde não podia permanecer e de onde não podia afastar-me*”¹¹⁵. É a horrível sensação de estar em lugar nenhum e, no entanto, de necessitar sair dele. A alma procura saídas, e ainda sem importar muito o lugar para onde fugir, a fuga para longe de tudo o que possa lembrar a pessoa amada e perdida apresenta-se como uma possibilidade. Agostinho também a vive: “para onde o meu coração fugiria do meu coração? Para onde fugiria de mim mesmo? Para onde me não seguiria? (cf. Sl 138,7) Por isso fugi da pátria. Os meus olhos procurariam menos esse amigo lá onde o não costumasse ver. Da cidade

¹¹⁴ *Confessionum* IV,vii,12: “Portabam enim concisam et cruentam animam meam impatientem portari a me, et ubi eam ponerem non inveniebam. Non in amoenis nemoribus, non in ludis atque cantibus nec in suave olentibus locis nec in conviviis apparatis neque in voluptate cubilis et lecti, non denique in libris atque carminibus adquiescebat. Horrebant omnia et ipsa lux et quidquid non erat quod ille erat, improbum et odiosum erat praeter gemitum et lacrimas; nam in eis solis aliquantula requies”.

¹¹⁵ *Confessionum* IV,vii,12: “Si conabar eam ibi ponere, ut requiesceret, per inane labebatur et iterum ruebat super me, et ego mihi remanseram infelix locus, ubi nec esse possem nec inde recedere”.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas de Tagaste vim para Cartago*¹¹⁶. E, no entanto, nada! ... a alma continua o seu pranto. Só o tempo se apresenta como remédio, e vai trazendo novos encontros, novos projetos e novas esperanças: “o tempo vinha e passava, dia após dia (Sl 60,9). Vindo e passando, inspirava-me novas esperanças e novas recordações. Pouco a pouco reconfortava-me nos antigos prazeres, a que ia cedendo a minha dor”¹¹⁷. E, sobretudo, a companhia de bons amigos e a experiência de sentir-se amado e querido vai aos poucos abrindo-lhe o coração e os olhos para ver a vida de uma nova forma e de encontrar nela beleza; os sinais de amizade que, “procedendo do coração dos que amam e dos que pagam amor com amor, manifestam-se no rosto, na língua, nos olhos e em mil gestos cheios de prazer, como se fossem acendalhas; inflamam-se os corações e de muitos destes se vem a formar um só”¹¹⁸. É o que também Julie experimenta no filme: o tempo a redime pelo movimento de trazer

¹¹⁶ *Confessionum* IV,vii,12: “Quo enim cor meum fugeret a corde meo? Quo a me ipso fugerem? Quo non me sequerem? Et tamen fugi de pátria (cf. Sl 138,7). Minus enim eum quaerebant oculi mei, ubi videre non solebant, atque a Thagastensi oppido veni Carthaginem”.

¹¹⁷ *Confessionum* IV,viii,13: “Ecce veniebant et praeteribant *de die in diem* (Sl 60,9) et veniendo et praetereundo inserebant mihi spes alias et alias memorias et paulatim resarciebant me pristinis generibus delectationum, quibus cedebat dolor meus ille”.

¹¹⁸ *Confessionum* IV,viii,13: “A corde amantium et redamantium precedentibus per os, per linguam, per oculos et mille motus gratissimos quasi fomitibus conflare animos et ex pluribus unum facere”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas pessoas que manifestam singelos gestos de amor, como os da prostituta, mas principalmente os do amigo e amante Olivier.

Mas, como homem introspectivo, por quem nada passa sem que se pergunte profundamente pelo seu sentido, Agostinho pergunta-se seriamente pela razão do haver vivido daquela forma aquela experiência de perda, com tanta dor e dilaceramento interior, e chega à conclusão de que foi porque seu amor era desordenado, tal como explicamos anteriormente; diz ele: “mas por que me penetrava tão facilmente e até ao mais íntimo aquela dor, senão porque derramei na areia a minha alma, amando a um mortal como se ele não houvesse de morrer?”¹¹⁹. É uma bela imagem: o seu amor foi derramado onde o tempo leva, como as ondas do mar na praia levam a areia. Embora criatura racional e espiritual como ele mesmo, o seu amigo era criatura e caminhava para o nada da morte e não poderia ser amado de forma absoluta. Era o seu amor, portanto, que tinha sido equivocado, desordenado, não respeitando a ordem da criação, e por isso, como consequência natural, sofrera: “desgraçada é toda alma presa pelo amor às coisas mortais. *Despedaça-se quando as perde*, e então sente a miséria que a torna miserável, ainda antes de as perder”¹²⁰. O correto teria sido amar o seu

¹¹⁹ *Confessionum* IV,viii,13: “Nam unde me facillime et in intima dolor ille penetraverat, nisi quia fuderam in harenam animam meam diligendo moriturum ac si non moriturum?”.

¹²⁰ *Confessionum* IV,vi,11: “Miser est omnis animus vinctus amicitia rerum mortalium et dilaniatur, cum eas amittit, et tunc sentit miseriam, qua miser est

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas amigo não por ele mesmo somente, nem pelo sentimento e agrado que ele próprio, Agostinho, sentia nesta amizade, mas referido realmente ao amor de Deus e por Deus. Só a presença do amor de Deus no amor que entre eles havia poderia fazer com que ele não sentisse de forma tão dilacerante a perda: “só há amizade verdadeira quando sois vós quem enlaça os que vos estão unidos ‘pela caridade difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5,5)”¹²¹. Somente quando o amor estiver referido à sua fonte, único lugar onde ele existe sem perigo de perda, é que ele próprio pode ser experimentado mais serenamente, pois então já não há perda, ainda que objetiva e faticamente ela aí esteja; a presença misteriosa do amor que vem da relação pessoal com Deus faz intuir outra forma de presença e a persistência da vida que não é tirada, mas transformada: “só não perde nenhum amigo aquele a quem todos são queridos n’Aquele que nunca perdemos. E quem é esse senão Deus, o Deus que criou o céu e a terra (Gn 1,1) e os enche (Jr 23,24) porque, enchendo-os, os criou? Ninguém vos perde, a não ser que Vos abandona”¹²².

et antequam amittat eas”.

¹²¹ *Confessionum* IV,iv,7: “Vera amicitia, quia non est vera, nisi cum eam tu agglutinas inter haerentes tibi caritate diffusa *in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis* (Rm 5,5)”.

¹²² *Confessionum* IV,ix,14: “Solutus enim nullum carum amittit, cui omnes in illo cari sunt, qui non amittitur. Et quis est iste nisi Deus noster, *Deus, qui fecit caelum et terram* (Gn 1,1) et implet ea (Jr 23,24), quia implendo ea fecit ea?”

Além desta experiência pessoal de perda, Agostinho descreve o conjunto da sua vida através da comparação com o texto do Filho Pródigo (Lc 15,11-32)¹²³, leitura que nos parece paradigmática a respeito do que a seguir propomos como itinerário autêntico e inautêntico da liberdade da vontade. Agostinho reconhece, em primeiro lugar, que pretendeu autonomia e independência com relação ao pai; quis romper todos os vínculos com ele. O próprio fato de pedir de forma antecipada a herança indica como que uma espécie de desejo da morte do pai: “insisti em apoderar-me da melhor parte da minha *herança* ‘e não guardei em Vós a minha força’ (Sl 58,10), mas ‘*afastei-me* de Vós para uma *região longínqua*’ (Lc 15,13)”¹²⁴. Agostinho, como o filho pródigo, rompe a adesão com o pai, e pretende ter uma liberdade entendida como absoluta autonomia, como independência, como “fazer o que bem entender”, fazer o quiser. E, rompido o vínculo, distancia-se do pai com os seus afetos, com o movimento de sua vontade, semelhante ao movimento lascivo da serpente seduzindo a Adão¹²⁵, acabando por experimentar “afeições tenebrosas”: “arrastado pelas Te nemo amittit, nisi qui dimittit”.

¹²³ Cf. BLUMENKRANZ, Bernhard. La Parabole de l’Enfant Prodigue chez Saint Augustin e Saint Cesaire d’Arles, in: *Vigiliae Christianae* 2 (1948), pp. 102-105.

¹²⁴ *Confessionum* IV,xvi,30: “Tam bonam partem substantiae meae satégi habere in potestate et fortitudinem meam non ad te custodiebam (Sl 58,10), sed profectus sum abs te in longinquam regionem (Lc 15,13)”.

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas vaidades, me afastava de Vós; [...] andava longe de vossa face, retido por afeições tenebrosas. Todavia, não nos apartamos ou aproximamos de Vós com os pés ou com as distâncias de lugares*¹²⁶. E, longe de Deus, centrado unicamente em si mesmo, acaba por afeioar-se cada vez mais às coisas exteriores, abandonando paradoxalmente a si mesmo e misturando-se de forma simbiótica com aquelas coisas passageiras, tornando-se também ele volátil, vazio: “o amor próprio começa por abandonar a Deus; mas, então, o amor de si se vê lançado fora de si para as coisas amáveis de fora. [...] Começaste por amar o exterior a ti, e te perdeste a ti, [...] te esvaziaste, te irradiaste, te empobreceste apascentando os porcos”¹²⁷. E, no entanto, o sofrimento que agora experimenta “roçando as coisas sensíveis”, que passam e facilmente se

¹²⁵ *De Trinitate* XII,xi,16: “Assim como a serpente não se arrasta com passos largos, mas com insensíveis movimentos de suas escamas, assim o lascivo movimento de queda, pouco a pouco, toma conta dos negligentes. Começando estes com o perverso desejo de assemelhar-se a Deus, chegam à semelhança com os animais” (“*Quomodo enim coluber non apertis passibus, sed squamarum minutissimis nisibus reptit, sic lubricus deficiendi motus negligentes minutatim occupat, et incipiens a perverso appetitu similitudinis Dei, pervenit ad similitudinem pecorum*”).

¹²⁶ *Confessionum* I,xviii,28: “In vanitates ita ferebar et a te, Deus meus, ibam foras, [...] nam longe a vultu tuo in affectu tenebroso. Non enim pedibus aut spatiis locorum itur abs te aut reditur ad te”.

¹²⁷ *Sermo* XCVI,ii,2: “Incipit enim deserto Deo amare se, et ad ea diligenda quae sunt extra se, pellitur a se. [...] Coepisti diligere quod est extra te, perdidisti te; [...] exinanitur, effunditur, inops redditur, porcos pascit”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas perdem, será o começo de sua própria cura. Agostinho o interpreta como a mão do próprio Deus que, fazendo-lhe experimentar o desgosto destas coisas passageiras, o interpelava a voltar à casa do pai, onde possuía bens muito melhores; diz ele: “a vossa onipotência está perto de nós, ainda quando erramos longe de Vós. [...] Vós, que ‘nos dais a dor como preceito’ (Sl 93,20), que ‘nos feris para curar’ (Dt 32,39) e nos tirais a vida para não morrermos longe de Vós”¹²⁸. E assim, interpelado pela própria dor, pela própria miséria, ele entra em si mesmo, ao recôndito mais profundo da consciência, e “cai em si”, faz memória do quanto era bom o seu pai e de quantos bens valiosos havia em sua casa, e assim decide voltar: “voltado a si, [...] diz: ‘me levantarei e irei ao meu Pai’. [...] Se, pois havia saído de si, negue-se a si mesmo, voltando em si para voltar ao Pai, de quem também tinha saído. O que significa ‘negue-se a si? [...] Retire-se de si mesmo, mas não para o fundo – para o inferior – mas – para cima – para aderir-se a Deus. O bem que tens, atribua-o a quem o fez; o mal que tens, atribua-o a ti mesmo”¹²⁹. A cura para o filho pródigo, e como ele, para Agostinho,

¹²⁸ *Confessionum* II,ii,3-4: “Non enim longe est a nobis omnipotentia tua, etiam cum longe sumus a te. [...] Qui *fungis* dolorem *in praecepto* (Sl 93,20) et percutis, ut sanes (Dt 32,39), et occidis nos, ne moriamur abs te”.

¹²⁹ *Sermo* XCVI,ii,2: “*Et reversus ad semetipsum* (Lc 15,17), [...] dixit? *Surgam, et ibo ad patrem meum* (Lc 15,18). [...] Si ergo exierat a se, et a quo exierat; redeundo ad se, ut eat ad patrem, neget se. Quid est, neget se? [...] Subducat se sibi, sed non deorsum versus. Subducat se sibi, ut haereat Deo. Quidquid boni habet, illi tribuat a

Revista Diálogos - N.º 19 – Mar./Abr. – 2018 417

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas é a recuperação do vínculo e adesão a Deus, fonte da vida e do ser, da beleza e da liberdade, em quem todas estas coisas podem ser hauridas em sua pureza. Por isso, ele reconhece com gratidão a esse Deus que o sustenta como sua raiz e fonte, mas também o interpela em sua livre vontade a retornar a Ele podendo contar com o seu perdão: louvo e agradeço “a Vós, que permaneceis eternamente, a Vós, que chamais de novo, a Vós, que oferecis o perdão à alma humana adúltera quando esta, como *pródiga*, se volta para Vós”¹³⁰. De fato, a atitude do pai quando do retorno do filho será de gratuita misericórdia, motivada unicamente pela situação de miséria do filho maltrapilho. O pai se antecipa a correr ao encontro do filho, dando a indicar que sempre estava ali olhando o horizonte na expectativa da volta do filho: “o que significa sair-lhe ao encontro senão *antecipar-se por sua misericórdia*? E o que lhe moveu à *misericórdia*? O estar já o filho consumido de *miseria*”¹³¹. E, depois de acolhê-lo com ternura e afeto, o pai o reconduz ao lugar de filho, ao qual ele havia abdicado pedindo rompimento de vínculos pela solicitação da herança, mas agora o faz colocando-o em lugar bem sólido, apoiando-o sobre base bem segura, da qual ele não

quo factus est: quidquid mali habet, ipse sibi fecit”.

¹³⁰ *Confessionum* V,xii,22: “Contemnendo te manentem et revocantem et ignoscentem redeunti ad te meretrici animae humanae”.

¹³¹ *Sermo* CXXXVI,6: “Quid est occurrere, nisi misericordiam praerogare? Quare ille motus misericórdia? Quia iam iste confectus miseria”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas poderá cair ou separar-se tão facilmente; assume-o como filho no Filho, onde ele pode viver segundo o seu peso próprio e sem sentir em demasia o peso das coisas deste mundo, que, embora leves pelo passageiro e sem peso que são, se tornam exageradamente pesadas quando instaladas no interior do coração humano: “[o pai] correu ao seu encontro e colocou os braços no seu ombro, isto é, pôs os braços nos ombros do filho. O braço do pai é o Filho; deu-lhe, pois, levar sobre o Cristo, o qual não é carga, mas alívio. ‘Meu jugo é suave e meu fardo é leve’ (Mt 11,30). Está o filho de pé, seu pai apoiado nele; mas, *apoiando-se nele, não lhe deixava cair de novo*. Tão sem peso é a carga de Cristo, que longe de oprimir, alivia”¹³².

3.2. A liberdade entendida como independência e autonomia:

Na verdade, o diretor apresenta de forma genial, e profundamente de acordo com a visão agostiniana, como primeira visão da liberdade, aquela que, tendo a Adão por modelo, busca a independência e a autonomia, e o faz de forma mais negativa que

¹³² *Sermo CXXXVI,6*: “*Incubuit in illum occurrens*: id est, super collum eius posuit brachium suum. Brachium Patris, Filius est; dedit ut Christum portaret; quae sarcina non onerat, sed subleuat. *Jugum meus*, inquit, *leve est, et sarcina mea levis est* (Mt 11,30). Super erectum incumbebat; superincumbens rursus cadere non sinebat. Tan levis est sarcina Christi, ut non solum non premat, sed etiam allevet”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas positiva. Como a pouco dissemos, ela consiste mais numa deficiência que em algo que tenha valor em si mesmo, é mais uma negação que a afirmação de algo, assim como foi o pecado que deu origem ao mal, o pecado original. Como vimos na leitura agostiniana da liberdade, tudo começa com o abandono da fonte, com a perda da adesão à fonte do ser e da vida, e também da liberdade. Essa busca de desprender-se de todo vínculo aparece ao longo de todo o filme, mas está simbolizado, especialmente na cena do senhor já velho, que mesmo nesta condição, mantém-se apegado a um ponto de apoio quando se lança amarrado em uma corda em direção ao abismo. É uma condição que atravessa toda a vida, é essencial ao ser humano.

Uma vez rompido o vínculo de adesão à fonte, a consequência natural é a proximidade do nada, o sentimento do vazio, a busca de ocupar lugar nenhum. É o sentimento que descrevia Agostinho da alma que sente a dor da perda e não sabe para onde ir, porque nenhum lugar lhe preenche. De fato, Julie, recuperada fisicamente do acidente, tendo saído do hospital, toma as providências para desvencilhar-se de tudo o que de alguma forma lhe prende à vida. Quer ficar com o mínimo para sobreviver. Pede à funcionária para *esvaziar* o quarto azul, que era o da filha falecida. Destina, perante o advogado, todo o dinheiro da sua herança para a manutenção da mãe, o pagamento dos funcionários e, depois de questionada a respeito do quanto iria para a sua conta, diz: “para a minha conta, nada”. Decidida a mudar-se para um lugar onde

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas não seja conhecida por ninguém, onde de alguma forma possa se avizinhar a este nada, manda retirar todos os móveis da casa, não fica nada a não ser o colchão. Diz a Olivier: “levaram tudo, só ficou o colchão”. É importante notar que neste colchão ela há pouco fizera sexo com o próprio Olivier, que claramente manifestara amá-la desde há muito tempo, e tem de ouvir depois da noite juntos: “você não vai sentir a minha falta, sou como qualquer mulher”. Ou seja, é como se dissesse: “sou como todas, nada tenho de especial, somos todos um montão de gente igual, no fundo somos um nada”. Parece haver uma crítica velada ao sexo pelo sexo, vivido fora de um contexto de amor e de relação, porque se da parte de Olivier havia neste momento amor, da parte de Julie não; na verdade, o sexo neste momento para ela é apenas uma oportunidade de dizer a Olivier que ela é “qualquer uma”.

E assim, ela parte, em busca de um lugar “no nada, no vazio”. Quando vai alugar um apartamento, encontra um imóvel ainda não acabado, acentuando ainda mais essa ideia de falta de consistência e firmeza, que ficará ainda muito mais clara no diálogo com o corretor do imóvel: “em que você trabalha? – Em nada!; o que você faz? – Não faço nada”. O nada para Julie é a fuga de tudo. De fato, em diálogo com Olivier, que depois de tanto procurá-la, a encontra e lhe pergunta: “Você fugiu? Você fugiu de mim?”, e ela então assume que foge e que busca o nada, o não ser reconhecida por ninguém: “ninguém sabe onde eu vivo”. No fundo, o que ela busca é a fuga para um lugar que nada

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas pode conter, a fuga do próprio coração; como num texto que citamos de Agostinho, quando fala da perda de seu amigo, é o que está buscando também Julie. Agostinho descreve a liberdade que aí se busca como a liberdade de um fugitivo: “de cabeça ativa, desgarrando-me para longe de Vós, preferindo os meus caminhos aos vossos, amando a liberdade de escravo fugitivo”¹³³. É a liberdade de alguém que de alguma forma se sente perseguido sempre, e por alguém tão próximo, do qual, por isso mesmo, é impossível desvencilhar-se: si mesmo, o próprio coração.

Do ponto de vista da análise que propomos, o nada é a mais forte expressão da negação da liberdade da vontade, pois significa a pretensão de pôr fim a todo movimento de ação, permanecendo num estado de paralisia da vontade que nem vai nem retrocede, mas permanece na divisão entre querer e não querer. Significa a proposição de que não se vença essa divisão da vontade pela ação, mas que se permaneça num estado que na vontade é apenas passageiro, de transição, a própria divisão. Permanecer na vontade dividida é estacionar o movimento da vontade, como se isso mesmo não fosse uma opção, a pior delas, a opção pelo meio termo, que no fim das contas, significa não ter nada, nem uma coisa nem outra.

Vinculado ao tema do nada, é o tema da morte que está em questão. A morte é a mais forte proximidade do nada. Nada, que aparece

¹³³ *Confessionum* III,iii,5: “Sum praefidenti collo ad longe recedendum a te, amans vias meas et non tuas, amans fugitivam libertatem”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas em primeiro lugar no filme na falta das pessoas que Julie mais amava e que nada pode substituir. Ela mesma tenta o suicídio bem no início do filme, ainda convalescente no hospital, mas é incapaz de fazê-lo, o que já indica que algo ainda a vinculava à vida, como ficará claro ao longo do filme. O tema do suicídio reaparece quando, depois do encontro com o rapaz que vira o acidente e que agora devolve a Julie um objeto pessoal que ficara no carro, um *crucifixo*, ela mais uma vez vai à piscina, cujo azul enche a tela, e aí mergulha como se não quisesse mais voltar à superfície. E o assunto da morte volta em outros momentos: conversando com sua mãe, que vive numa casa de repouso para idosos, esta lhe pergunta pelo marido e a filha, ao que ela responde: “eles morreram”. E, pouco adiante, comenta: “não quero bens, nem amigos, nem recordações, nem amor; [...] tudo isso é uma armadilha!”. Não há como não recordar as palavras de Agostinho sobre a fugacidade dos bens que passam e a armadilha que eles significam para quem neles coloca o coração como se fossem eternos. A questão da morte ainda aparece referida à própria protagonista, quando a mãe, que está com Alzheimer, comenta: “me disseram que você tinha morrido”. É de fato o que Julie está vivendo, a morte. Embora não cometa o suicídio de fato, ela tenta cometê-lo existencialmente, procurando um lugar que fosse como o nada, lugar que efetivamente só pode ser encontrado na morte.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas

A reflexão sobre o nada em Agostinho é ampla, rica e profunda¹³⁴. Para ele, o nada deve ser entendido em dois sentidos inter-relacionados: por um lado, o nada é visto, em enfoque cosmológico, como o oposto ao ser, como aquilo que não é nada, de onde Deus formou as criaturas; não que isso seja alguma coisa, mas apenas que Deus nada usou para fazer o mundo. Essa origem do mundo faz com que ele seja fugaz, de maneira que tudo o que há nele é passageiro, caminha para um fim, para o nada. Daí vem o segundo sentido, que derivando deste primeiro, significa a situação existencial de quem se apoia nas coisas que passam como se elas não passassem. Estes experimentam um vazio existencial, uma falta de firmeza e solidez que as faz sentir a si mesmas como “almas pendidas entre o céu e a terra” ou como a fumaça que se esvanece no ar quanto mais sobe: “por que são comparados à fumaça? Porque a fumaça sobe e se eleva de qualquer maneira rumo ao céu; quanto mais ela se eleva, mais ela se evanesce e se dissipa facilmente”¹³⁵. É o resultado da falta de peso, consequência do abandono da fonte do ser e da vida, da beleza e da liberdade, e da não ocupação do lugar próprio na ordem criada.

¹³⁴ Cf. ZUM BRUNN, Emilie. Le dilemme de l'être et du néant chez S. Augustin: des premiers dialogues aux *Confessions*, in: *Recherches Augustiniennes* 6 (1969), pp. 9-102; -----, “Être” ou “ne pas être” d'après Saint Augustin, in: *Revue des Études Augustiniennes* 14 (1968), pp. 91-98.

¹³⁵ *Sermo* XXII,8: “Quare fumo comparati sunt? Quia fumus erigit se, extollit se tamquam in caelum. Sed quanto fit superior, tanto facilius vanescit et disperit”.

Finalmente, o tema do medo da morte, ou do medo da perda, aparece de forma meio velada no diálogo entre Julie e a mãe, quando, depois de sofrer internamente com uma ratazana e seus filhotes que encontrou na despensa de seu apartamento, e que na verdade é um espelho para a sua própria situação de perda da filha, ela pergunta à mãe se quando criança ela tinha medo de ratos, ao que a mãe responde que sim, e Julie afirma: “eu tenho medo”. Ela mesma não tem coragem de matar os ratos, certamente porque neles vê a sua própria situação, e por isso pede emprestado um gato ao vizinho, e à amiga prostituta pede que limpe o local, jogando fora os ratos. É a morte próxima de si, do marido e da filha, que morreram de fato, e a sua própria morte existencial, que lhe custa enfrentar.

A busca do vazio e do nada para Julie, além de espacial, tinha que se concretizar também temporalmente. Isso ela vai tentar fazer pelo apagar de todas as lembranças e pela negação de investimento em qualquer projeto futuro. Por um lado, ela tenta apagar todo o passado, tentando ficar como que sem memória. Quando procura o apartamento para alugar, a única condição que coloca é que não haja crianças por perto. E certamente não seria pelo barulho ou pela algazarra, mas porque elas lhe lembrariam a filha, que perdeu sendo ainda criança. Ao ser interrogada pelo corretor do imóvel a respeito de seu próprio nome, depois de fornecer o nome de casada, volta atrás e apresenta o seu nome de solteira: “Julie Vignon”. É como se quisesse apagar o seu passado de

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas esposa e de mãe, que a vinculava respectivamente ao marido e à filha, recém-falecidos. Depois, vivendo já no apartamento, e sendo solicitada a assinar um abaixo-assinado para expulsar do condomínio uma prostituta que traz para o lugar seus amantes, Julie se rejeita a assinar, e referindo-se ao passado da mulher, responde: “não importa”. De fato, ele pretende que o passado nada importe mais a ela; na verdade pretende que nada importe; essa é de fato a resposta que ela dá ao jovem que viu o acidente e que lhe traz algo que encontrou no carro e que imagina ser muito importante: “nada é importante”.

E a mesma prostituta, que a visita para agradecer-lhe por não ter sido expulsa do condomínio graças à sua ajuda não assinando o documento, traz-lhe, sobretudo, o tema da memória. Primeiro, olhando o lindo lustre azul que antes ficava no quarto da filha de Julie, única recordação que ela trouxera da antiga moradia, a prostituta diz: “na minha infância, em minha casa tinha um lustre semelhante, [...] eu o tinha esquecido”. Depois, expressando ainda mais fortemente o tema da memória, vai à janela, e olhando o lugar onde ficava o mendigo que sempre tocava exatamente a música que Julie e o marido estavam compondo em homenagem à unificação europeia, diz: “pobre homem, foi-se embora e esqueceu a sua flauta”, que depois saberemos ser o objeto mais importante daquele mendigo, o único ao qual ele se agarrava. É a própria Julie que está aí refletida: também ela partiu, foi-

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
se embora na tentativa de deixar o mais precioso, a sua própria história e as suas relações.

Mas, mais que todas as imagens ou palavras, é a personagem mesma da mãe com alzheimer o que melhor traz à trama o tema da memória. Internada em uma casa de tratamento, ela não se lembra bem das coisas passadas, confunde sempre o nome de Julie e a chama de “Marie-France”, o nome da irmã mais nova. Sobre o “Marie”, depois comentaremos; sobre o “France”, cabe conjecturar se não se quer propor uma reflexão sobre a identidade e a memória da própria França como civilização, país homenageado no filme nos seus três valores expressos na revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade.

Mas, não só Julie tenta desvencilhar-se do passado; também busca desfazer-se de todo vínculo com algum projeto de futuro, que desse sentido ao seu agir. A expressão mais clara dessa pretensão é o jogar fora, num caminhão de lixo, as partituras que junto com seu marido compunha em homenagem à unificação da Europa. Por sorte, a funcionária da biblioteca havia feito uma cópia, que servirá a Olivier para propor posteriormente a Julie a retomada da obra. Julie não quer nenhum vínculo com o futuro, nada a motiva, a nada mais ela ama.

Também aqui, portanto, no âmbito da temporalidade, o que Julie acaba por fazer é propor de tal forma uma falta de vínculos no passado e no futuro que o que resulta é a negação da liberdade da vontade. Como vimos, em Agostinho, seguindo a Hannah Arendt, as formas

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas principais de superação daquele estado de inércia da vontade em sua duplicação de querer/não querer, é o seu entendimento em relação às faculdades da alma – memória e inteligência – e às categorias de temporalidade – passado, presente e futuro. Só com o exercício da memória, pela recuperação das lembranças passadas, e com a atenção da inteligência (e, especialmente da vontade) posta em projetos futuros, que pela ação podem tornar-se presente, é que a vontade vence a sua natural e estrutural divisão.

3.4. A liberdade entendida a partir de sua orientação ordenada para o amor

O segundo modelo de liberdade que aparece no filme, ao que me parece, é aquele que na concepção agostiniana existia na condição humana originalmente, e que, embora destruído na humanidade decaída, pode ser restaurado ainda agora pela ação da graça que liberta a liberdade decaída, mas que só será plena na eternidade: é a concepção da liberdade orientada para o amor, ou melhor, orientada pelo amor de forma ordenada, segundo a ordem impressa na própria criação.

Assim, em primeiro lugar, a busca de desvinculação de tudo e a busca de um lugar que fosse uma espécie de nada por parte da protagonista, um lugar onde ninguém a conhecesse e para onde ela

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas mesma nada levasse da vida anterior, nem memória, nem expectativa, revela-se um projeto inexecutável. E isso provavelmente porque tal projeto é contrário à natureza humana, criada por um Deus que é essencialmente comunhão e que colocou a marca de seu ser impressa em toda a criação. Esta incapacidade de romper todos os vínculos aparece em vários detalhes ao longo do filme. Embora desejasse não levar nada de sua antiga moradia para o novo apartamento, ela acaba levando um objeto, o lustre azul, que a vincula por um lado à sua filha, já que o objeto ficava no quarto dela, e ao tema da sua própria liberdade, pela cor do objeto que alude ao tema do filme. O tema da solidão e do abandono, buscada de maneira insatisfatória, aparece no já referido diálogo com a prostituta, em sua visita de gratidão a Julie: a prostituta diz: “você vive só? Eu não consigo passar uma noite sozinha. [...] Aconteceu alguma coisa, [...] você não é o tipo de mulher que um homem abandone!”. E, de fato, não é Julie que está sendo abandonada, tanto que Olivier a procura até conseguir novamente encontrá-la. O amor o vinculava a ela, e mesmo que ela não quisesse, se viu encontrada por quem a amava. E, da mesma forma, a respeito do mendigo, do qual a prostituta havia comentado ter ido embora, esquecendo-se de sua flauta, Julie o encontra no dia seguinte, de volta, deitado apoiando a cabeça na caixa onde guarda a sua própria flauta, e ao interrogá-lo sobre o seu sumiço, ouve dele: “devemos sempre ter algo a que nos agarrar”, como que a dizer que a vida dele se apoiava na

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas música, que era também um dos apoios da vida anterior de Julie. É o mesmo que se expressa numa delicada imagem no momento em que Julie toma café no bar: ela coloca a colherzinha na boca de uma garrafa, e ela fica aí pendente, mas não cai porque sustentada pela boca da garrafa.

Há também outra cena em que de maneira bem velada e indireta aparece uma alusão à inviabilidade de um caminho de absoluta negação de tudo: Julie acorda-se à noite com o barulho de uma briga que acontece na rua às portas do prédio onde ela mora. Um homem entra correndo pelas escadarias do prédio em busca de refúgio. Ela escuta as suas rápidas pegadas até chegar a um momento de silêncio. Então ela sai para ver o que se passa e, enquanto isso, a porta de seu apartamento é fechada pelo vento. Ela se desespera inicialmente, mas depois se vê obrigada a passar a noite aí fora à espera de alguém que lhe traga uma chave no dia seguinte. Depois saberemos por ela mesma que um vizinho a auxiliou naquela noite emprestando-lhe um cobertor. A porta do lugar por ela pretendido como o lugar da fuga, do nada, da inexistência de vínculos, ao se fechar, parece indicar que esse é um lugar inexistente, ou impossível de ser alcançado, precisamente por ser contrário à natureza humana. Poder-se-ia falar talvez de inferno, aquilo que é absolutamente contrário à natureza criada por Deus. E, obrigada a estar fora deste lugar, o que ela encontra em seu abandono é um

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas simples, mas belo, gesto de solidariedade e amor: alguém que se preocupa com ela e de alguma forma a cuida.

Mas, a cena onde talvez apareça de forma mais clara a necessidade inevitável de vínculos é a da conversa com a mãe na casa de acolhida: a mãe diz a Julie: “me disseram que você tinha morrido, mas vejo que você está bem, está jovem”. Ou seja, embora pretendesse morrer, e internamente estivesse mesmo morrendo, a vida, no entanto, resistia e se manifestava forte em seu próprio corpo. Julie, comentando então com a mãe a respeito da morte do marido e da filha, diz: “antes eu era feliz: Eu os amava e eles me amavam!”. Aqui aparece claramente a concepção agostiniana da vontade realizada em seu objetivo, transformando-se em amor, embora o amor de Julie necessitasse ainda ser ordenado, não absolutizando o que não pode ser absolutizado, porque efêmero. O certo é que, como em Agostinho, a vida feliz só pode ser alcançada plenamente no amor. A conversa continua, e a mãe pergunta a Julie: “Você tem dinheiro?”, e acrescenta: “não se pode renunciar a tudo”. É necessário ter algo a que se agarrar. Não é por acaso, portanto, que enquanto elas conversam a imagem não cansa de mostrar no televisor colocado à frente da mãe idosa a cena a que nos referimos mais de uma vez do idoso que se lança ao abismo, mas muito bem agarrado em uma corda. Olhando a TV, a mãe enferma de Alzheimer diz à filha: “não me falta nada, [...] tenho a TV, vejo o mundo inteiro. Você vê?” [...] Julie responde: “não”. Ou seja, ainda com

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
o Alzheimer que lhe apaga as lembranças criando uma espécie de espaço vazio, a mãe estava como que vinculada ao mundo inteiro pelo televisor, assim como o homem pela corda que o prende ao ponto de lançamento. E Julie, no entanto, ainda que jovem e com saúde, não quer se apegar em nada. E o tema da morte, que mais em vez aparece no diálogo, não é afinal a solução assumida por Julie. De fato, ainda que se tenha falado que ela tinha morrido, e que na verdade ela tenha experimentado a morte existencialmente, uma força ainda permaneceu nela e consiste precisamente nos vínculos que ela tinha e que resistiram a toda tentação suicida. É a palavra clara de Julie dita à enfermeira que a vê tirar da boca uma quantidade enorme de comprimidos que é incapaz de ingerir: “eu não sou capaz”. É como se dissesse: “algo me prende ainda à vida”.

E o filme faz questão de mostrar a Julie realmente como uma pessoa muito afetuosa, de maneira alguma fria e indiferente no trato com os outros. Assim, mesmo optando conscientemente pela busca do vazio e pela fuga de todas as relações do passado, inadvertidamente, sem que ela mesma perceba, novos vínculos vão se estabelecendo. Neste sentido, é especialmente significativa a relação com a prostituta. Além daquelas duas cenas que já comentamos – a da visita de gratidão por não ter sido despejada do condomínio pela ajuda de Julie e a da contribuição para tirar os restos dos ratos mortos –, há a bela cena em que no meio da noite a prostituição telefona a Julie pedindo-lhe socorro.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas

São duas horas da manhã, e ainda assim Julie vai ao seu encontro. Encontra-a numa casa noturna chorando, e explica-lhe o motivo: o pai, vindo de trem de uma cidade vizinha, passara boa parte da noite na boate. Ainda que triste, no entanto, o relato da prostituta é cheio de afeto e compaixão; ela comenta do pai: “ele tinha um ar de cansado e não parava de olhar para a bunda das mulheres no palco. [...] Depois foi embora e pegou o último trem”. O espectador é levado mais a sentir compaixão tanto da prostituta quanto de seu pai, ambos inseridos em contextos de carência e sofrimento, do que a esboçar qualquer julgamento moral. A expressão de gratidão da prostituta para com Julie é acentuada, não porque Julie tivesse feito alguma coisa por ela de muito importante, mas unicamente porque estava ali presente, porque se importou com ela; mais de uma vez ela repete: “você veio!”. É como se dissesse: “não estou só e abandonada, tenho alguém por mim, alguém se importa comigo, eu sou importante para alguém, não sou nada, não sou insignificante”. Assim, inadvertidamente, Julie vai estabelecendo novos vínculos, selados sempre pelo amor gratuito.

Mas, o que mais se apresenta como prendendo Julie à vida, o que mais resiste à sua busca de inanição, é na verdade a memória. Prova-o, como já mencionamos, o lustre azul que ela leva para a nova habitação como recordação da filha. Sobre este lustre, a prostituta em sua visita a Julie, lhe pergunta: “é uma recordação?”, ao que ela responde: “eu o encontrei”, como que tentando desfazer-se do papel de

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
recordação do objeto, mas isto era inevitável. Vez por outra o lustre volta à tela. Outro objeto azul é encontrado por ela em sua bolsa e remete diretamente à memória da filha: um pirulito enrolado em um papel azul, igual ao que a filha chupava momentos antes do acidente. Julie o devora vorazmente, como que numa tentativa desesperada de acabar com todas as memórias. Mas, será em vão. Da mesma forma, quando visita a mãe no sanatório, cuja memória se perdeu quase totalmente, encontra-se por todos os lados na parede com fotos que registram em parte a sua própria história. Ou seja, num espaço onde as lembranças parecem nada significar (no quarto de alguém com Alzheimer), elas persistem ainda, como que a indicar que de alguma forma se fazem presentes e delas não se pode desvencilhar tão facilmente.

Outras muitas imagens remeterão continuamente Julie à sua própria história. Talvez a mais importante seja a da ratazana com seus filhotes, à qual já nos referimos. A imagem é longa e amplamente trabalhada. De fato, ela servirá a Julie como oportunidade para a sua tomada de consciência, já que ela se verá refletida como que num espelho nessa imagem. À noite, enquanto tenta chegar ao sono, impossibilitado pela incomodidade com a presença dos ratos em casa, escuta o chiar dos ratinhos recém-nascidos como uma espécie de martelo na própria memória. E, no entanto, não é capaz de matar os ratos, como já dissemos; por mais que quisesse, ela mesma não era

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas capaz de desvencilhar-se de seu passado e de extingui-lo. É em torno destas cenas que envolvem os ratos que se forma a autoconsciência de Julie, de maneira que quando ela se encontra com Oliver e tem aquele diálogo sobre a vontade dividida, ao qual já nos referimos como cena central para a nossa leitura, a sua percepção de si mesma já está lúcida o suficiente para que aquele diálogo pudesse provocar o início de sua mudança de comportamento: de uma vontade dividida, ou melhor, de uma vontade em estado de não funcionamento, de inércia e languidez, a uma vontade decidida e que expressa essa decisão na ação. De fato, a sua vontade estava mais em estado de inércia que de divisão; é por isso que Olivier a chacoalha para que pudesse chegar a dizer “quero-não quero”, e uma vez estabelecida a tensão da divisão, se passasse inevitavelmente à ação.

Uma imagem, porém, ou melhor, mais que uma imagem, uma música, a fará voltar constantemente ao seu passado e estabelecer um vínculo com o seu futuro, e dele com o seu presente: vez por outra ela se depara com o toque da música que ela compunha com seu marido, o concerto em homenagem à unificação da Europa. Ela é tocada na flauta em mais de uma ocasião pelo mendigo, em situações de proximidade com a protagonista, sobretudo quando ela toma café num bar. A cena, além de parecer enunciar o tema das misteriosas coincidências que vinculam como em uma rede diferentes seres humanos, tem o papel fundamental de restabelecer aos poucos o vínculo de Julie com o futuro,

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas especialmente com o projeto de conclusão do concerto inacabado. Ela se resiste fortemente a assumi-lo. No princípio destrói as partituras que tem em suas mãos, depois desiste também da proposta feita por Olivier de juntos terminarem a obra; mas, depois de ver pela televisão que Olivier trabalha no acabamento da obra, o procura em busca de uma explicação e, interpelada por ele à ativação de sua vontade, acaba retomando a obra, animada então por um projeto de futuro. Só quando, portanto, a memória se recompõe reconciliando-se com o passado e a expectativa se acende em relação ao futuro é que a vontade pode se libertar da divisão que se instaura naturalmente em seu centro por meio da ação.

3.6. O processo de libertação da liberdade da vontade

Como vimos, seguindo a Hannah Arendt e a Sciuto, a passagem da liberdade adâmica à liberdade redimida pelo amor não se faz de modo instantâneo e nem voluntarista. Acontece realmente como um processo no tempo, que supõe, por um lado, passos dados pelo homem no uso de sua livre vontade, e por outro, a ação da graça – mesmo que não manifestada e nem percebida explicitamente –, que liberta a liberdade para agir espontaneamente na prática do amor: é necessário “*curar o próprio ferimento, o que se faz lentamente, com o progresso*

*Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas realizado na renovação da imagem interior*¹³⁶. De fato, no caso de Julie, é o seu interior – suas visões, suas atitudes, seus afetos –, que necessita ser modificado, e isto não se faz de uma hora para outra; é necessário contar com a ajuda do tempo, que tudo relativiza e amadurece, devolvendo cada coisa a seu lugar. E, junto com ele, ou melhor, nele, é bom que se frise, a ação da vontade e da graça.

Um primeiro passo neste processo parece ser o do reconhecimento da própria fraqueza não só da vontade, que já não pode fazer o que quer, mas de toda a condição humana. É necessário reconhecer que para Agostinho a condição humana após a queda é, sem nenhum atenuante, uma condição de “miséria”. Numerosos textos corroboram essa visão; citemos apenas este longo, mas claríssimo texto, tirado da controvérsia com os pelagianos, na discussão sobre a condição de pecado das crianças e da sua consequente necessidade de batismo:

“Não condeno a natureza das crianças como culpável de um ato voluntário, pois ninguém nasce porque quer; nem acuso a condição de seu nascimento porque nascem, mas porque nascem na *miséria*; se ninguém tivesse pecado, a natureza humana teria nascido no paraíso, fecunda com a bênção de Deus, até que o número dos santos, por Deus conhecido, estivesse completo. Neste paraíso não chorariam as crianças, nem estariam um tempo privadas da razão, nem estariam carentes de algum de seus membros, nem enfermos ou sem movimento, sujeitas a dores, despedaçadas pelos animais ferozes, sujeitas a envenenamentos ou a feridas em acidentes, desprovidas de algum sentido ou de alguma parte do corpo; não seriam um brinquedo do diabo, nem seriam domadas pelo chicote quando saem da infância, ou instruídas à força pelos trabalhos; nenhuma nasceria demente, com o espírito obtuso, nem se tornariam melhores com os sofrimentos ou trabalhos; e com exceção da

¹³⁶ *De Trinitate* XIV,xvii,23: “Sanare languorem, quod fit paulatim proficiendo in renovatione huius imaginis”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
pequenez de seus corpos, proporcional ao seio materno, *nasceriam no mesmo estado de Adão*. Não seriam como hoje as vemos; nem sofreriam males semelhantes *se a natureza humana não tivesse sido alterada* e condenada por causa de um grande pecado”¹³⁷.

Uma boa expressão desta condição humana na existência atual no filme pode ser considerada uma imagem que não por acaso aparece nos três filmes da trilogia de Kieslowski: uma velhinha caminha com muita dificuldade em direção a um depósito de lixo, e com mais dificuldade ainda, tenta colocar no depósito uma garrafa velha. Toda a dificuldade que experimenta, aliada à fraqueza geral em que é apresentada sua condição, é uma expressão adequada para a condição humana na queda, ao mesmo tempo fraca, sem firmeza e enferma (os três sentidos que Agostinho dá à palavra latina *infirmitas*). Esse parece ser também o pensamento do próprio diretor do filme, que numa entrevista para um documentário feito em homenagem a ele mesmo, se define como

¹³⁷*Contra Julianum opus imperfectum* III,198: “Nec sua voluntate arguo naturam parvulorum, nemo enim, quia vult, nascitur, nec conditione nascendi, nisi quia miseri nascuntur, non quia nascuntur. Nasceretur enim etiam in paradiso natura humana ex Dei benedictione fecunda, etiamsi nemo peccasset, donec Deo praecognitus sanctorum numerus compleretur. Sed illi parvuli nec flerent in paradiso nec muti essent nec aliquando uti ratione non possent nec sine usu membrorum infirmi et inertes iacerent nec morbis affligerentur nec a bestiis laederentur nec venenis necarentur nec aliquo casu vulnerarentur, vel ullo sensu aut ulla parte corporis privarentur nec a daemonibus vexarentur nec surgentes in pueritiam domarentur verberibus aut erudirentur laboribus nec ulli eorum tam vano et obtunso nascerentur ingenio, ut nec labore nec dolore ullo emendarentur, sed excepta propter incapaces uteros matrum sui corporis quantitate, tales omnino, qualis Adam factus est, gignerentur. Nunc autem nec tales essent, quales videmus, nec talia paterentur nisi peccato illo magno natura humana in has miserias mutata atque damnata”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas alguém que é “mais ou menos”, assim como é a vida de todos os humanos, bem diferente do pretendido sucesso em tudo, como é comum nos filmes americanos¹³⁸.

Dentro deste contexto de realismo com relação à condição humana, parece totalmente incompatível com a visão agostiniana a proposta estoica de controle racional dos afetos, do não se deixar afetar pelas impressões causadas na alma por tudo o que acontece exteriormente a ela, ou mesmo a atitude resignada de identificação do próprio querer com o que de fato acontece (o querer do possível). Na concepção agostiniana parece muito mais normal chorar as perdas, digeri-las pouco a pouco. No filme, Julie parece ir passando pouco a pouco da atitude estoica à agostiniana. Talvez não seja correto chamar a sua primeira postura diante da perda de estoica; na verdade, ela não chora motivada por um controle racional, e sim por uma espécie de inércia, de uma paralisação da vontade, a faculdade do movimento da alma. O fato é que no início do filme, quando a protagonista vê a empregada chorando na cozinha, e a pergunta por que chora, ela responde: “eu choro porque você não chora”. De fato, Julie se resiste a chorar expressamente mais no início do filme. Chega inclusive a machucar a mão arranhando-a num muro, como que em busca de outra

¹³⁸ Essa comparação é feita pelo próprio Kieslowski no documentário que não por acaso leva o seguinte título: “Im so-so” (*Eu sou mais ou menos*), disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=5iR8hvDQWck>.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas forma de expressar a dor, a insatisfação e a incompreensão, que não através do choro. Só chegará realmente a chorar depois que se vê identificada com a situação dos ratos, aos quais ordena matar. Então vai à piscina e chora expressamente. A prostituta vai ao seu encontro e diz claramente: “você está chorando!”. E Olivier, quando procura desinstalá-la com aquela palavra que desperta a ativação da sua vontade diz: “eu queria fazê-la chorar”.

Mas, não bastava chorar; era necessário que a este choro se desse um sentido, e isso só será possível pela reativação do amor, o que só se fará pelo uso da memória e da vontade, numa volta ao passado e ao futuro. Mas, para isso, se fazem necessárias duas atitudes fundamentais: o entrar em si mesma (a interioridade), e a atenção aguçada (exercida em conjunção pela inteligência e pela vontade). De fato, Jolie, ainda que em estado de letargia e inércia, tem a atenção sempre bem posta em tudo o que acontece, até nos mínimos detalhes: nas palavras, nas imagens, nos sons. As imagens, das quais lança mão o diretor para passar sua visão parecem não passar despercebidas pela protagonista do filme: ela presta atenção no café, no açúcar, na garrafa, no lustre, nos ratos, no corrente passar da luz do sol. A tela, num determinado momento preenchida pela imagem de um olho, no fim do filme, parece indicar a necessidade constante da atenção aos sinais presentes no interior da existência temporal.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas

E esta atenção, que é papel próprio da vontade, se aprofunda por um constante processo de interiorização, de onde vai emergir pouco a pouco a sua autoconsciência mais lúcida. O diretor utiliza-se de dois expedientes usados com exaustão no filme para reforçar essa ideia de entrada no próprio mundo interior: o escurecer da tela por alguns segundos, sempre acompanhado do som da música do concerto que estava sendo composto por Julie e o marido, e o entrar constantemente na piscina, que, além do mais, pela cor azul, remete ainda à liberdade que pode emergir deste mergulho profundo em si mesmo. O tema da entrada na própria interioridade como um adentrar-se em lugar escuro e de trevas e onde se é iluminado pela luz do Mestre Interior é um tema caro a Agostinho. E também o tema dos olhos interiores, como cegos na atual situação de queda, e, portanto, necessitados de cura pela iluminação do Verbo, é para ele algo importante: “embora a sua visão externa estivesse sadia, a visão interna estava ferida. Tinha sadios os olhos do corpo, mas *tinha doentes os olhos do coração*”¹³⁹. De fato havia em Julie uma visão equivocada das coisas, sobretudo um ordenamento equivocado dos amores, e isso ela precisava reconhecer nesta entrada em si mesma.

¹³⁹ *In Evangelium Ioannis Tractatus XIV,12*: “Erat ergo aliquid intus saucium, et aliquid foris sanum: corporis oculos habebat sanos, cordis oculos habebat saucios”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas

O novo sentido que Julie dará aos acontecimentos vividos aparece implícito no filme. De forma totalmente subliminar aparece a figura de Cristo e de seu sofrimento por amor na cruz¹⁴⁰. Desta maneira, parece ser indicado, como caminho de sentido para o sofrimento, a oferta gratuita por amor. Discretos registros, que facilmente poderiam passar inadvertidos, parecem trazer à luz a figura de Cristo, e especialmente de sua paixão e sofrimento por amor. Quando o corretor de imóveis pergunta a idade de Julie, apenas para constar no documento, pergunta aparentemente sem importância, ela responde: 33 anos. Não parece exagero lembrar a idade em que Cristo sofreu a sua paixão. Da mesma forma, quando Olivier a encontra, depois de ela ter fugido e partido para um lugar onde ninguém pudesse encontrá-la, lhe diz: “faz três dias que eu venho lhe procurar”. Pode parecer um vínculo arbitrário, mas facilmente se pode pensar nos três dias mencionados no livro bíblico de Oséias (Os 6,2) como o tempo final para Deus se manifestar em salvação do homem, tal como aconteceu entre a paixão e a ressurreição de Cristo. Da mesma forma, o próprio nome através do qual a mãe enferma de Alzheimer confunde Julie, Marie-France, parece

¹⁴⁰ Sobre o tema da cruz de Cristo em Agostinho, ver BRÉVENT, P. La croix, véritable sacrifice: Saint Augustin, in: *Résurrection* 21 (1962), pp. 110-116; CLANCY, F. G. La cruz en los *Tractatus in Iohannem*, de Agustín, in: *Augustinus* 44 (1999), pp. 79-88; McWILLIAM, J. E. Augustine’s developing use of the cross, 387-400, in: *Augustinian Studies* 15 (1984), pp. 15-33; CAPÁNAGA, V. Las dimensiones de la cruz en la existencia cristiana según S. Agustín, in: *Revista de Espiritualidad* 35 (1976), pp. 237-250.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas evocar a figura de Maria, que aos pés da cruz, sofre a perda do filho, de quem cuidara com tanto amor, e, no entanto, o faz de forma serena e firme, não com resignação ou indiferença racional.

E não deixa de ser interessante perceber ainda que o objeto que o rapaz que acompanhou o acidente vem devolver a Julie, dizendo ser “algo muito importante”, seja precisamente um trancelim com a cruz do Cristo. É a imagem do sacrifício do Cristo, levado a cabo na cruz de forma ao mesmo tempo injusta e gratuita, que é trazida à tona e acompanha subliminarmente o filme. Quando, no fim do filme, se diz que o concerto, depois de terminado, seria executado uma única vez, ao mesmo tempo, por 12 orquestras em 12 cidades da Europa, não há como não pensar no único sacrifício de Cristo oferecido uma só vez por todo o seu povo (simbolizado no número 12 das tribos de Israel do Antigo Testamento e dos apóstolos no Novo Testamento). É a mesma ideia que se pode perceber na cena do socorro, no meio da noite, oferecido por Julie a sua amiga prostituta, sem em nenhum momento julgá-la por sua vida desregrada. Esta insiste a dizer a Julie: “você veio, [...] você me salvou!”. Não há como não pensar no Cristo, que veio à humanidade sofredora no meio da noite escura de seu pecado, não para condená-la, mas para salvá-la (é importante lembrar que o nome “Jesus” significa “Deus salva”). Na verdade, a única coisa que salva é o amor vivido gratuitamente, pois só o amor rompe a mutabilidade do tempo e os limites do espaço. Em um texto belíssimo, Agostinho diz ter feito

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
Cristo com o material de sua cruz, a árvore da vida, um ponto de apoio para o homem levantar-se de sua queda:

“o rio das coisas temporais arrasta, mas nosso senhor *Jesus Cristo é como a árvore plantada à beira do rio*; [...] quis em certo modo ser plantado à beira do rio das coisas temporais. *És arrastado para o abismo? Agarra-te à árvore*. Te agarra, dando voltas, o amor ao mundo? *Agarra-te a Cristo*. *Por ti Ele se fez temporal, para que tu sejas eterno*, pois Ele de tal modo se fez temporal que continua sendo eterno. Se lhe acrescentou algo que pertence ao tempo, não perdeu nada de sua eternidade. Tu, entretanto, nasceste temporal e pelo pecado te fizeste temporal. Te fizeste temporal pelo pecado; Ele se fez temporal pela *misericórdia*, perdoadando os pecados. [...] A um lhe força a falta, a outro leva-lhe a *compaixão*. O mesmo passa com esta mortalidade: nós caímos nela pela culpa, *Ele desceu a ela pela misericórdia*: veio ao cativo como redentor, não como opressor”¹⁴¹.

Cristo, com efeito, faz o caminho inverso ao do homem que, afastando-se de Deus, caíra e fora precipitado ao abismo da multiplicidade e dispersão das criaturas inferiores; ele desce sem perder

¹⁴¹ *In Epistolam Ioannis ad Parthos Tractatus* II,10: “Rerum temporalium fluvius trahit: sed tamquam circa fluvium arbor nata est Dominus noster Iesus Christus. [...] Voluit se quodammodo circa fluvium temporalium plantare. Raperis in praeceptis? tene lignum. Volvit te amor mundi? tene Christum. Propter te factus est temporalis, ut tu fias aeternus; quia et ille sic factus est temporalis, ut maneret aeternus. Accessit illi aliquid ex tempore, non decessit ex aeternitate. Tu autem temporalis natus es, et per peccatum temporalis factus es: tu factus es temporalis per peccatum, ille factus est temporalis per misericordiam dimittendi peccata. [...] Illum causa premit, illum humanitas adduxit. Sic in ista mortalitate, nos reatu tenebamur; ille misericordia descendit: intravit ad captivum redemptor, non oppressor”. Sobre isso, ver Cf. BARTELINK, G. À l’image de “celui dont la Sagesse sait temporiser en vue du bien”, in: BRUNING, B. *Collectanea Augustiniana. Mélanges T. J. van Bavel*. Vol. II. Leuven: University Press, 1990, pp. 805-813.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas o vínculo que mantinha com as outras pessoas da Trindade; não deixa a sua divindade quando como verbo assume a humanidade¹⁴². Ele desce voluntariamente, ao contrário de Adão que é precipitado involuntariamente depois de haver rompido o vínculo com Deus. Assim, estando ao mesmo tempo apegado ao eterno por sua divindade, mas partilhando conosco a humanidade com suas penas, Cristo pode estabelecer no coração do temporal uma escada para o eterno. E ele o faz por meio da cruz, que será o apoio seguro ao qual o homem poderá se apegar para amar sem o medo de perder. No amor gratuito do sacrifício de Cristo na cruz encontra-se a plenitude do amor, o amor ordenado. Na sua cruz está crucificado o mundo e o amor por ele (Gl 6,14), mas está eternizado o amor bem orientado pelo mundo e pelas pessoas. Algo parecido se expressa no lema da Ordem religiosa dos Cartuxos: “enquanto o mundo gira, a cruz permanece firme” (“*stat crux dum volvitur orbis*”), imagem que se fez ver de maneira fortuita, mas bela, no terremoto recentemente ocorrido no Haiti: no meio das ruínas de muitos prédios, entre eles uma igreja, permanece fixa e única a não ser destruída uma cruz. É outra forma de dizer: “só o amor não passa, só no amor não se perde a ninguém e nem a si mesmo”.

Mas, o passo final de libertação da liberdade da vontade, como vimos, seguindo especialmente a Hannah Arendt, está, sobretudo, na

¹⁴² Cf. *In Evangelium Ioannis Tractatus* XXIII,6; LI,3; LXIX,3-4; *Sermo* CCLXI (Lambot16).

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
passagem da divisão teórica entre querer e não querer à ação prática. Fizemos referência já àquela cena central em que Olivier interpela Julie a que faça uso de sua vontade, que a ponha em movimento através da duplicação entre querer e não querer, para que daí passe forçosamente à ação.

Esta cena, no entanto, não tem sentido se tomada isoladamente, mas somente se entendida dentro do contexto de um processo de recuperação da memória e de reapropriação dos sonhos e projetos futuros, e só por isso terá realmente a força para desencadear uma mudança de atitudes. De fato, uma certa paralisia no passado, de forma um tanto nostálgica e melancólica, como que resignando-se ao aparente fatalismo que insiste em se impor como a explicação verdadeira dos fatos, persiste até que Julie se depare com o seu projeto futuro sendo trabalhado por outro, Olivier. Quando vê pela televisão o anúncio de que Olivier continua trabalhando na obra, e na mesma cena toma conhecimento de uma jovem e bela mulher que aparentemente pode ser amante de seu falecido marido, instigada por estas imagens, ela se lança à ação. Procura Olivier, depois aquela misteriosa mulher, com quem estabelece um diálogo em que o tema da memória, do afeto e do futuro está no centro: sobre o fato de ela ser amante de seu marido, diz Julie: “eu não sabia, acabei de saber agora”. A amante diz: “odiarás a ele e a mim”. Em meio ao diálogo, Julie descobre que a mulher estava grávida. Refeita a memória total dos fatos, tomando ela conhecimento do que

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas acontecia há anos sem que ela o soubesse, e vendo o anúncio de uma criança para o futuro, criança à qual está ligada de alguma forma pelo vínculo com seu marido, ela parece se animar ainda mais a agir. Na cena seguinte, quando visita novamente sua mãe na casa de repouso, ao ver pela janela de seu quarto, na TV que a mãe assiste, a cena de um homem não mais se lançando no abismo, mas equilibrando-se numa corda, parece tomar a decisão de terminar a obra inacabada juntamente com Olivier. Equilibrando-se entre o passado, que agora traz mais completo em sua memória, e o futuro, para o qual se motiva com um projeto cujo tema é a união, ela se lança à ação. Assim, a música cujo tema é o da união, ativa nela a mesma faculdade que pode provocar a união de passado e futuro no presente, e de memória e inteligência em si mesma, a vontade, como amor.

É então que discordamos de Arendt em pensar que não qualquer ação possa redimir a vontade, libertando a sua liberdade dividida entre o querer e o não querer, mas somente a ação que se expressa como amor. Porque o que se passa daqui para diante no filme é uma mostra da profunda generosidade de Julie, e de quão gratuito é o seu amor. Já na primeira conversa com a ex-amante do seu marido ela se mostrara generosa, aconselhando à mulher que não fumasse durante a gravidez, quando esta lhe pediu um cigarro. Mas, essa generosidade se expressará de forma muito mais pródiga quando ordena não mais vender a casa que estava à venda, para que seja mantida e doada à amante, a fim de que aí

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
crie o seu filho. Quando recebe em sua antiga casa a ex-amante do marido para apresentar-lhe a proposta de doação da casa – aquela mesma casa que antes fora abandonada e colocada à venda, ainda que disso Julie nada recebesse, e que agora é oferecida gratuitamente a serviço de uma obra de amor –, recebe dela o elogio que resume bem a sua personalidade: “Patrick [o amante] falava muito de você, dizia que você é boa e generosa, e que sempre se pode contar com você”. O que se passa logo a seguir, nas duas cenas finais do filme, que são como que a sua apoteose, é a expressão final da redenção final da vontade, que se liberta de sua divisão por meio de ações de amor. Julie chama Olivier ao telefone e comunica-lhe ter terminado o que faltava da música, e pede que ele busque as partituras. Ele se nega, argumentando que só o fará quando os dois assumirem a autoria da música. É a assunção de uma realidade que anteriormente, juntamente de seu marido, Julie não fazia. Era necessário agora que a realidade fosse assumida em toda sua plenitude, com a reconstituição do passado, até mesmo o que estava escondido, e com o reacendimento da esperança para o futuro. Julie desliga o telefone e pensa por uns instantes. Parece haver ainda um certo medo do futuro. Mas, agora não. Ela agora já é novamente capaz de amar, e é só através do amor que é lançado fora o temor (cf. 1Jo 4,18). Então, liga novamente e pergunta a Olivier se é verdade que ele ainda dorme no colchão em que os dois tinham vivido aquela última noite de sexo, noite em que ela expressara nenhum amor, ao dizer ser

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas qualquer uma. Ele, ao contrário, a amava e não negara o seu passado; ao contrário se apegava a ele como o que mais amava, e por isso responde prontamente ao que a seguir ela pergunta: “ainda me amas?, - sim”. A última cena, de grande beleza, tem como fundo a música do concerto para a unificação da Europa, e o coro que se ouve tem como letra o célebre cântico sobre o amor, da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios: “o amor é paciente; o amor é benigno; não é invejoso; não se vangloria, não se orgulha, não se porta com indecência, não busca os próprios interesses, não se enfurece, não guarda ressentimento do mal; não se alegra com a injustiça, mas congratula-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,4-7). Enquanto Olivier e Julie fazem sexo, agora como expressão de muito amor, de ambas as partes, a imagem vai mostrando os vários personagens do filme: o jovem rapaz que presenciou o acidente, segura firmemente a sua cruz no peito, depois de interceptar o despertador que o acordara. Parece uma referência ao tempo, necessário para construir todo o processo de libertação da liberdade da vontade, mas que parece parar quando o amor acontece, quando a eternidade entra no tempo. A mãe que no sanatório olha fixo para um ponto como se o tempo parasse e de repente fecha os olhos, dando a entender que talvez morresse. A enfermeira, que numa imagem nublada corre ao seu encontro, parece corroborar a possibilidade da morte. É novamente o tempo e seu inevitável caminhar para o fim na vida de cada pessoa, mas com a lembrança de que parece

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas haver também um estado em que o tempo para e se estabiliza, se eterniza. A amante do ex-marido é apresentada com a barriga grande, estando próximo o nascimento do filho, que aparece pulsando com sua respiração no ventre da mãe pela imagem do ultrassom. Parece indicar que a vida vence a morte, e há sempre a possibilidade de começar algo novo, elemento fundamental na definição arendtiana da vontade. A prostituta que, com olhar triste, é colocada ao lado de uma cena de espetáculo erótico na casa noturna onde trabalha, e a última imagem de Jolie triste e com uma lágrima que cai lentamente dos olhos, parece pôr fim a um certo otimismo das imagens das outras pessoas, e parece indicar que este processo de libertação da vontade é escatológico, que já há sinais de sua vitória, mas que infeliz e inexoravelmente ainda convivemos com as dores de uma vontade localizada no tempo e no espaço. O amor é ainda um amor crucificado. Parece-nos, no entanto, que, mesmo assim crucificado, ou melhor, sendo assim crucificado, é que este amor só pode ser motivado internamente pela graça, embora esta quase nunca seja tematizada explicitamente. É a graça do amor verdadeiro, do amor que vai ao extremo do sacrifício pelo outro, como foi o amor de Cristo na cruz.

Vale retomar, a modo de conclusão, o vínculo entre o marco teórico que escolhemos para fazer a leitura do filme “*A liberdade é azul*” e a trama do próprio filme. Em primeiro lugar, podemos perceber que o próprio contexto em que o diretor do filme trabalha o tema da liberdade é o mesmo que está presente na definição agostiniana de vontade: “a vontade é o movimento da alma, sem ser por nada coagida, orientado para adquirir uma coisa ou para não perdê-la”¹⁴³. Com efeito, o diretor trabalha o tema da liberdade no contexto da experiência da perda e numa chave de leitura em que é fundamental o conceito de movimento, seja em seu aspecto negativo, como inércia, seja em seu aspecto positivo, em que o movimento na vontade é efetivado pela ação. E, no conceito agostiniano de liberdade da vontade, é a liberdade que faz a mediação entre o desejo que movimenta a alma, por um lado, e a busca de um objeto que seja adequado a este desejo, por outro. Ou seja, o desejo de repouso e quietude pela posse do objeto desejado, que a vontade tem essencialmente, só pode ser satisfeito por meio de um objeto que não se possa perder.

Encontramos no filme um primeiro modelo de liberdade que, por ser antinatural, isto é, por negar a ordem impressa por Deus na criação, mais que ser afirmativo, positivo, leva à desativação da vontade e à conseqüente paralisação do movimento na alma. Ao pretender o

¹⁴³ *De Duabus Animabus contra Manichaeos* XX,14: “Voluntas est animi motus, cogente nullo, ad aliquid vel non amittendum, vel adipiscendumla”.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas

rompimento de todos os vínculos, seja das relações ou dos laços temporais (lembranças e projetos), cria-se na vontade tal situação de vazio e inércia que leva à impossibilidade de duplicação nela entre querer/não-querer, duplicação que significaria a ativação da vontade em sua própria essência. Essa é a postura da protagonista em quase toda a trama do filme. Mas, mais uma vez, como esse movimento é antinatural, persiste de forma resistente uma busca velada e inconsciente de ativação da vontade, pela sobrevivência de um resíduo de memória e de projetos interrompidos. Foi necessário, entretanto, que alguém, de forma um tanto abrupta, interpelasse à vontade tornada inerte pela força do hábito e do ânimo entristecido. Quando isso acontece, porém, e a vontade ativada se duplica em querer/não-querer, instaura-se nela uma tensão insustentável que a leva de maneira quase forçada a passar à ação. E, a única ação que realmente a redime, a liberta da tensão, é aquela que é orientada pelo objeto que lhe é próprio, o amor. Pois, somente o amor, em sua fonte, é eterno (é o próprio Deus), e retamente orientado no mundo temporal pela relação com aquela fonte, nunca permite perder o objeto desejado. É o que acontece a Julie, a protagonista do filme que, suscitada de forma silenciosa e não percebida explicitamente pelo exercício pausado e processual de sua memória, e provocada à recuperação de um projeto vital pelo assistir pela televisão à narrativa da retomada de tal projeto por alguém que realmente a amava, Olivier, é finalmente interpelada pela palavra do

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas mesmo Olivier a duplicar a sua vontade de forma tão tensionante que o resultado natural seria o pôr-se em ação, abandonando a inércia. Sua ação consistirá precisamente na retomada de um projeto de futuro, agora assumido em nome próprio, que não por acaso se trata do término de uma composição musical cujo objetivo é celebrar a “união” (papel específico da vontade entre as faculdades da alma) europeia, e cuja letra do coro não é outra coisa que o hino paulino ao amor, que é louvado especificamente por ser a única coisa que perdura ao tempo e o ultrapassa, possibilitando experimentar já algo da quietude, repouso e gozo frutivo que a vontade busca e que só será pleno na eternidade.

BIBLIOGRAFIA:

- ARENDT, Hannah. O querer (a vontade), in: *A vida do espírito*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2.000, pp. 185-368.
- KAHN, Charles H. Discovery the Will: from Aristotle to Augustine, in: *The question of “Eclecticism”: studies in Later Greek Philosophy*. Berkeley: University of California Press, 1996, pp. 234-259.
- KOCH, Isabelle. O conceito de “voluntas” em Agostinho, in: *Discurso* 40 (2010), pp. 71-94.
- JEANMART, Gaëlle. La dramatique de la volonté chez Augustin, in: *Philosophique: Annales Littéraires de l’Université de France-Comté* 8 (2005), pp.

Análise do Conceito de Liberdade no Filme A Liberdade é Azul... - Vargas
- NOVAES, Moacyr. Livre arbítrio e liberdade na condição humana, in:
A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho. São
Paulo: Discurso Editorial, 2007, pp. 287-341.

- SCIUTO, Italo. La volontà del male tra libertà e arbitrio, in: ALICI,
Luigi. *Il mistero del male e la libertà possibile: linee di antropologia
agostiniana*. Studia Ephemeridis Augustinianum 48. Roma: Institutum
Patristicum Augustinianum, 1995, pp. 111-176.

- SÉRVULO DA CUNHA, M. P. *O Movimento da alma: a invenção
por Agostinho do conceito de Vontade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001,
111 p.

- VARGAS, Walterson José. *Soberba e humildade em santo Agostinho*.
São Paulo: Loyola, 2014, 419 p.